

CARNAVAL 2022

homenagem a Nara Leão

ZAGUT



#FIQUEMCASA
#STAYHOME

Adriana Montenegro . Adrienne Schreiner .
Alexandre Palma . Ana Luíza Mello . Ana Pose . Ana Schieck .
Angela Moraes . Augusto Herkenhoff . Benjamin Rothstein . Bototo .
Bruno Araujo . Carmen Bello . Carmen Givoni . Celina Nolli . Celso Adolfo . Cerise E .
Cesar Paes Barreto . Conceição Durães . Cunha Bocayuva . Debora Carneiro da Cunha .
Dora Portugal . Eduarda Serra Barreto . Eduardo Mariz . Evandro Oliveira . Fernando Brum .
Gilda Lima . Heloisa Alvim . Ilda Fuchshuber . Iraceia Oliveira . Isabella Marinho . Isis Braga . Jarbas Paullous .
João Galvão Jr . João Saboia . Jorge Cerqueira . Katia Pollitzer . Lando Faria . Leila Bokel . Let Cotrim .
Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana González . Luah Jassi . Lucia Lyra . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti .
Maria Cecília Leão . Mariana Nobre . Marca Bonimond . Marcha Pires Ferreira . Mauricio Tassi . Mauricio Theo .
Miguel Hijjar . Miro PS . Nilton Pinho . Nissin Moussatche . Noemi Ribeiro . Olivio Neto . Paulo Mittelman .
Pedro Bento . Regina Moura . Ricardo Newton . Roberta Salgado . Roberto Negri .
Rosângela Soares Pinto . Rose Nobre . Sandra Schechtman . Sergio Graça . Silvana Câmara .
Sônia Camacho . Sonia Xavier . Talita Tunala . Teresinha Mazzei . Vania Pena C .
Vicente Duque Estrada . Vitória Szejnman . Zé Igino . Zeka Araujo .

ZAGUT

Abertura
10 Fevereiro 2022
18h

Exposição
Virtual permanente
www.espacozagut.com

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

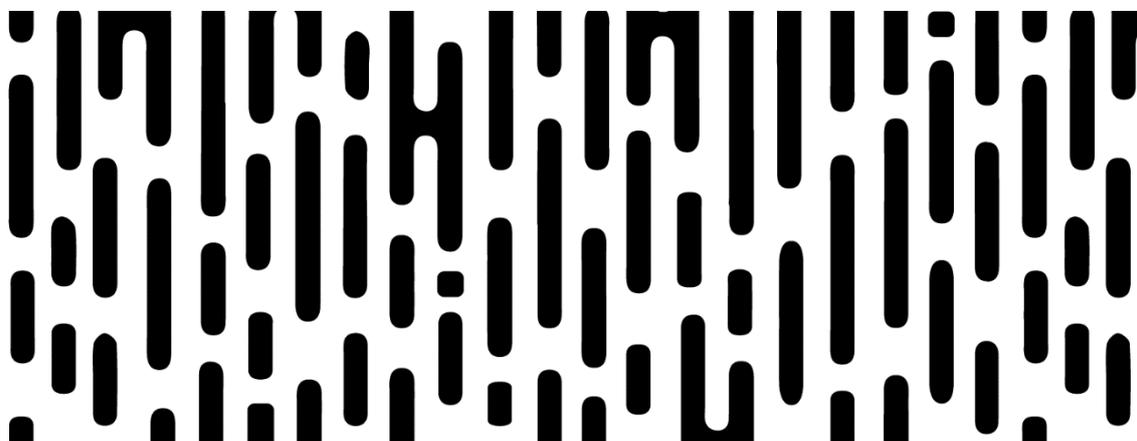
Ensaio crítico: Bernardo Vilhena, Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



Quando o carnaval chegar

Outro carnaval que não será igual àquele que passou...No ano passado, o primeiro em plena pandemia, ultrapassados no Brasil os 200 mil óbitos, hoje mais de 600 mil; o carnaval de besteiras e de falta de decisões que faziam com que menos de 1% da população estivesse vacinada, se mantém e hoje ainda não atingimos 70%. O carnaval foi adiado para o feriado de Tiradentes devido a nova onda, por uma nova mutação.

E quando o carnaval chegar em 2022, em fevereiro, teria acabado de fazer aniversário de 80 anos em janeiro a Nara Leão. Nos deixou há 33 anos, muito jovem, mas já tendo deixado sua marca muito forte tanto na música brasileira quanto na forma de pensar o papel da mulher na sociedade. Já era sua fã desde criança, meus pais tinham muitos de seus discos e principalmente quando assisti ao filme Quando o carnaval chegar de Cacá Diegues em 72 e depois ouvia os Saltimbancos, ela cantando a música da gata e anos depois num show com Menescal no People. Fiquei ainda mais, ao ler prazerosos livros, as biografias de Sergio Cabral e Tom Cardoso, ver os documentários organizados pela sua família, assim como frequentar blogs de fãs, grupos de facebook e whatsapp e também o site oficial, que são imperdíveis para se aprofundar na trajetória dessa extraordinária mulher. No mergulho na série de documentários organizados por sua talentosa filha Isabel Diegues e no qual seu neto José Bial participa também trabalhando, tem-se a surpresa de aparecer um alegre beija-flor que quase os beija durante sua conversa.

Nara foi muito inovadora, no modo de cantar e ao lançar compositores. Francisco Diegues, seu outro filho, comenta que sente a cada música que está sendo cantada para ele. E dizendo algo para ele. Nara só cantava realmente o que sentia, o que concordava. Se negou a cantar músicas machistas mesmo que dos queridos compositores de "samba do morro". Não ia a um programa se tivesse que se maquiar. Considerava que a canção poderia ajudar a melhorar o mundo onde vivia. Buscava de forma muito metódica novos compositores para cantar, ouvindo centenas de músicas. E foi responsável pelo lançamento de inúmeros dos compositores mais importantes brasileiros ao ser inovadora ao gravar suas músicas ou tocar com eles: Capinan, Macalé, Edu Lobo, Fagner, Chico, Dominginhos, João do Vale, Sueli Costa, Sidney Miller, Camerata

Carioca, com Raphael Rabello com 15 anos, sua irmã Luciana com 17 e Mauricio Carrilho com 21. Nara ficou muito bem impressionada quando viu Bethânia cantar em Salvador; e a chamou para substituí-la no show Opinião, a artista veio da Bahia com Caetano. Pedira para Chico uma música cantada por uma mulher, assim surgiu “Com açúcar, com afeto”, que tem dividido as opiniões se deve ou não ser cantada por ele hoje.

A artista dava enorme importância a seus sonhos. O maior de todos, ser mãe, fez com que se dedicasse de corpo e alma, diminuindo por alguns anos a sua dedicação à música. No Projeto Pixinguinha - FUNARTE, de ingressos de baixo custo, viajou por todo o país, tendo recorde de apresentações, fazendo dois shows por dia. Apesar de acometida por uma doença grave, foi para o Japão com Menescal onde fez shows, gravou disco, um enorme sucesso.

Tinha uma importante ligação com a psicologia. Referia que até os 19 anos pensava em suicídio frequentemente. Ao retornar do exílio, resolveu terminar os estudos para poder fazer vestibular para psicologia na PUC, curso que adorava e trancou, não terminado por questões de saúde. Ficava impressionada ao visitar seu amigo Milton Ilha Rasa no hospital psiquiátrico, e há uma sensível descrição de sua visita junto com a faculdade em um hospital em um texto no seu site oficial, de 1977. E logo antes do carnaval de 83 teve que lidar com o suicídio de seu querido pai, descendente de povo indígena (do qual muito se orgulhava), o capixaba Jairo Leão. Ele soube da sua doença já em 79, mas a vinha escondendo da filha para que levara uma vida normal, visto a impossibilidade de tratamento do tumor do cérebro.

É conhecido como já era gregária desde muito nova, levando músicos para sua casa, inicialmente no ed. Elisabeth na Nossa Senhora de Copacabana perto da Raimundo Correa, e a seguir na Av. Atlântica também nesse quarteirão, onde importantes passos da Bossa Nova foram dados. Continuou se interessando por gente, fazendo pontes com sambistas do morro, tropicalistas (aparece na capa do disco em uma foto que Caetano segura), em festivais (defendeu o cachoeirense Sergio Sampaio, não deixando desclassificar seu Bloco na Rua, que ficou para sempre na memória do país inteiro, desde então uma das músicas mais executadas no carnaval). Tinha amigos de todas as gerações. Rubem Braga lhe dava mudas de plantas. Gullar dizia que andava

armada de uma flor e uma canção. A Di Giorgio fez um violão especial para ela, após o roubo do seu de mais de 20 anos. Gravou um disco com seus amigos, de estilos completamente distintos. Foram também seus amigos Chico, Caetano e Gil que a avisaram que em seus encontros com militares da ditadura, se referiam a ela de forma muito voraz dando exemplos das maldades que fariam, e a aconselharam a sair do país.

Também é evidente sua coragem. Ao trocar de um movimento para o outro, até mesmo menosprezando em certas situações o posicionamento elitista da Bossa Nova, onde se lançou. Falava o que pensava, até mesmo sobre a nenhuma importância que dava às forças armadas. Muitos artistas se mobilizaram para que não a prendessem, Drummond escreveu: "...Não deixe, nem de brincado, que prendam Nara Leão". Seu disco "Opinião de Nara" foi o primeiro a deixar a ditadura preocupada. Gravou Jovem Guarda quando seus mais próximos amigos a achavam um tipo de música "popular", porque gostava muito e se identificava com as massas. Ia ao programa do Chacrinha, também contra os princípios de músicos mais elitistas, dizia que não tinha preconceitos. Foi contra a marcha contra a guitarra elétrica, achava que era um ótimo arsenal para fazer mais música. Fez protesto contra o racismo de um hotel. Protestou de forma dura contra a morte do estudante Edson Luiz. Estava na primeira fila na Passeata dos Cem Mil. Também dizia que não era subversiva, mas apaixonada pela alma brasileira. No show Opinião, inspirado em seu disco, falou dados da emigração de cada estado nordestino, colocando em evidência a questão da fome no país, que piorara na ditadura. Se posicionou contra participar no programa de Elis Regina, que tinha feito comentário debochado a seu respeito, mesmo que perdesse o emprego, mas também teve coragem de se entender com a cantora com uma conversa em pleno voo. Dava cortes em repórteres. Se posicionava a favor do divórcio. E especialmente teve muita coragem ao lidar com sua doença. No início não sabia que tinha um tumor no cérebro, mas depois que apertou seu empresário Miguel Bacelar para saber o que estava ocorrendo, foi reavaliada em Nova York onde fez ressonância, inexistente no país na época. Encarou os tratamentos todos, radioterapia e tratamentos alternativos (foi solicitado que não andasse de avião, e fazia shows só a um raio de 500 km do Rio), fazendo sua música e cuidando de seus filhos ao mesmo tempo, até que

desmaiou em um jantar e não acordou mais até sua morte. Falou: “Gosto de ir à ribanceira, comprar briga”.

Teve um namoro sério com as artes plásticas, frequentou a Escolinha de Artes de Augusto Rodrigues, fazia xilogravuras, concorreu ao X Salão Nacional de Arte Moderna em 61, com centenas de participantes, sendo selecionada assim como sua mãe, dona Tinoca. Foi retratada por Di Cavalcanti, Lan, Augusto Rodrigues. Foi dela a ideia da música sobre A Bela Lindonéia, obra de Gerchman, morta sem nunca ter amado, referência ao desaparecimento de jovens durante a ditadura.

Teve um casamento com o cinema e a TV. Casou-se com Ruy Guerra e depois Cacá Diegues, era muito amiga dos cineastas do Cinema Novo. Participou de alguns filmes: Garota de Ipanema, Quando o carnaval chegar, Lira do Delírio. Também participou de programas de TV: Pra ver a banda passar (considerados ela e Chico os maiores desanimadores de auditório), outro com Chico, Toquinho e Vinícius e Nara Leão 84. E no teatro começou com Pobre Menina Rica com Ary Toledo e Vinicius de Moraes, peça do último com Carlos Lyra; fez Liberdade, Liberdade de Flavio Rangel e Millor acompanhada de Paulo Autran e Tereza Rachel entre outros; Os Inconfidentes de Cecilia Meireles dirigida também pelo amigo Flavio Rangel junto com Dina Sfat, Paulo José e outros; além do famoso Opinião com direção de Augusto Boal, do mesmo além de Vianninha, Paulo Pontes e Armando Costa; junto com Zé Ketí e João do Vale, com direção musical de Dori Caymmi.

E com o carnaval também estreitou relações! Seu primeiro disco não foi de músicas da Bossa Nova, apesar de toda a proximidade que tinha com o movimento, e como desejava o selo, mas com “sambas do morro”. Gravou sambas de Escolas de Samba. Gravou com músicos do Cacique de Ramos. Participou do filme “Quando o carnaval chegar”. Fez o maravilhoso dueto “Noite dos mascarados”.

E os títulos das músicas que cantou continuam atuais e dizem muito de sua trajetória: Coloca osso na sopa; Água demais mata planta; Carcará; E que tudo o mais vá pro inferno; Faz escuro mas eu canto (tema da Bienal de São Paulo de 2021, verso do poeta Thiago de Mello, recentemente falecido. Viva

Thiago!); Porque amanhã vai chegar; Diz que fui por ai - com um violão embaixo do braço; Nasci para bailar; Pede passagem - e arrasta a felicidade pela rua!

A galeria Zagut se sente orgulhosa em fazer essa homenagem a Nara Leão e ao carnaval do Brasil! A exposição ocorre graças ao empenho e à força das obras dos artistas!

Bibliografia:

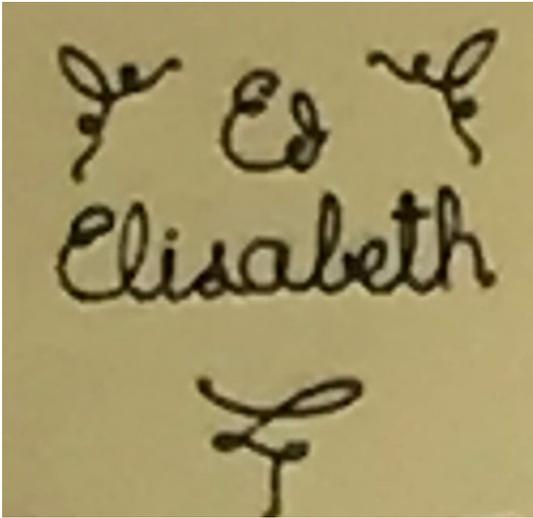
Cabral, Sergio. Nara Leão, uma biografia. Ed. Lumiar, 2001.

Cardoso, Tom. Ninguém pode com Nara Leão, uma biografia. Ed. Planeta do Brasil, 2021.

NARA Leão. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359596/nara-leao>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

<http://www.naraleao.com.br/index.php?p=cronologia>

Documentário O Canto Livre de Nara Leão. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/o-canto-livre-de-nara-leao/t/fcfQvBWKVY/temporadas/1/>. Consultoria Isabel Diegues; Pesquisa Ricardo Calazans; Pesquisa de imagem Julia Schnoor, Ferdinando Dantas, Priscila Serejo, Rafael Pina; Gerencia musical Fernando Lobo; Direção executiva de produção Flavio Nascimento; Produção Nathalia Pinha e mais de 30 outros profissionais que se dedicaram a dar vida ao documentário. Foram acessados inúmeros arquivos: o da própria Nara, Arquivo Nacional, Arquivos Públicos RJ e SP, Biblioteca Nacional, CEDOC TV Bandeirantes, CEDOC TV Cultura SP, RecordTV, Cinemateca Brasileira, Brasil Imagem, MIS (RJ), DVD Bastidores, Álbum de Música, O tempo e o som de Bruno Barreto e Walter Lima Jr., Acervo Cacá Diegues, Acervo Marie Cecile de Beyssac, Coisa mais Linda de Paulo Thiago, Deus e o Diabo na terra do sol de Glauber Rocha, Esse Mundo é Meu de Sergio Ricardo, Ganga Zumba de Cacá Diegues, Quando o Carnaval Chegar também dele, Garota de Ipanema de Leon Hirszman, Os Cafajestes de Ruy Guerra, Uma Noite em 67 de Ricardo Calil e Renato Terra, Les Carnets Bresiliens de Pierre Kast, Acervo de Silvio Da-Rin, de Carlos Horcados, Comunicações Abril, Acervo de Roberto Menescal, O Dia, O Globo, O Cruzeiro, FUNARTE, CPDoc JB, Manchete, Fatos e Fotos, Agência Tyba, Acervo Kleiton e Kledir, Correio da Manhã, Cinelândia, Correio de Notícias, Diário de Notícias, Diário de Pernambuco, Jornal dos Sports, Revista do Rádio, Tribuna da Imprensa, Última Hora, Radiolândia, Revista do Clube Naval, Arquivo da Marinha do Brasil.



X Salão de Arte Moderna

A Comissão Nacional de Belas Artes designou, para o júri do X Salão, Carlos Cavalcanti e Geraldo Ferraz. O certame, com o completo apoio de Osvaldo Telxela, realizar-se-á no Museu Nacional de Belas Artes.

SALÃO

Quem passou um fim de semana dos mais alegres foi Nara Leão. Dois trabalhos seus (nanquim) foram selecionados para o Salão de Arte Moderna. Cerca de 500 nomes se apresentaram. Mais de 400, foram cortados. A mostra será inaugurada no próximo dia 20.

A noite 17/4/61 e Última Hora 12/6/61

NARA

Bernardo Vilhena

Nara Leão merece todas as homenagens pela fundamental transformação que, com sua sabedoria, sensibilidade e senso estético, propôs e pôs em prática na música brasileira. A simplicidade com que apresentou suas ideias não refletia apenas o seu gosto musical. Era um gesto de tamanha grandeza sem artifícios, ou qualquer outra atitude e intenção que pudessem representar mais do que o respeito e admiração pela obra das inúmeras pessoas que nos chegou através de seu canto e do seu tão original violão. Opinião — que assisti muitas vezes na minha adolescência — foi um show fundamental para mim e, acredito, que para boa parte da minha geração. Os famosos festivais de música — que as gravações são reprisadas até hoje — me parecem uma extensão daquele palco aberto para apresentar as tendências musicais criadas em todas as partes do território brasileiro. Nara Leão não lutou contra preconceitos, ela simplesmente os ignorou ao apresentar as possibilidades infinitas da Música Popular Brasileira. Assim ouvi o canto livre de Nara.

“meu choro não é nada além de carnaval”

Interpretação: Elza Soares

A potência do carnaval.

Carlos Vinícius da Silva Taveira (Doutor em literatura cultura e contemporaneidade, Mestre em teoria da história da arte)

Falar de carnaval em 2022 é usar a criatividade para continuar com novas formas de viver a folia e experienciar o mundo. Será mais um ano em que indispensáveis restrições sanitárias irão atravessar o som das marchinhas e das serpentinas. O bloco não irá a rua como o esperado, podendo ainda, talvez, ocorrer um desfile de carnaval tardio das escolas de samba a ser realizado fora de época, mais adiante em abril, ou mesmo, quem sabe seu adiamento por completo para o ano que vem.

O carnaval sempre foi a maior expressão popular e cultural do Brasil mantendo sua diversidade e capacidade de singularidade conforme suas diferenças territoriais e de costumes. A cada ano, inovação e tradição se combinam rendendo novos frutos e novidades. Os corpos bailam e o “faz de conta” do carnaval é capaz de subjugar a realidade impondo alternativas capazes de superar o cotidiano via magia da arte. São nessas pequenas fissuras abertas em curto espaço de tempo que possibilita uma sociedade tão desigual nas mais possíveis vertentes enfrente seus desafios e dificuldades com um sorriso no rosto e uma fantasia na mão.

Hélio Oiticica, um dos maiores nomes da arte brasileira e contemporânea, já havia explorado essa fonte quando entrou em contato com a escola e a comunidade da Estação Primeira de Mangueira nos anos sessenta e praticamente foi um verdadeiro antropófago daquele universo. No processo de imersão que resultou em desfiles como passista, obras e diversas trocas, nasceu sua obra mais icônica conhecida como parangolé.

O termo parangolé partiu de uma palavra encontrada ao acaso na própria comunidade escrita em uma parede e ia de encontro com as novas

possibilidades da pesquisa artística de Hélio que alargava os limites do objeto de arte e inscrevia no próprio corpo do expectador a performatividade da arte. As linguagens das artes se misturavam no carnaval contaminando termos e conceitos até então normatizados no campo das artes e que precisavam naquele momento histórico serem alargados no mundo, para que comportassem a explosão criativa da arte contemporânea.

De forma tangencial em sua multiplicidade o carnaval foi capaz de produzir algo que desafiasse nossa concepção de arte e cultura no Brasil. Isso não somente em Hélio Oiticica, mas expresso dignamente em trabalhos de diversos artistas reconhecidos ou anônimos. Em parte, essa natureza que compôs o carnaval foi perseguida, sentenciada ao preconceito e ostracismo, em outra, sua resiliência é potência capaz de gerar infinitos desdobramentos.

Dessa movimentação carnavalesca envolvendo criação e drible das adversidades que encontramos a exposição da galeria Zagut do mês de fevereiro e que se inspira no carnaval. Ainda não é possível colocar o bloco na rua, mas pode-se usar um pouco de serpentina em outras aldeias virtuais. Os artistas dessa mostra invadiram as vias eletrônicas criando fantasias, ou mesmo, avatares, se me permitam a aproximação com o vocabulário pós-moderno da internet, mantendo vivo o espírito de folia do carnaval.

Em janeiro último, mais especificamente no dia vinte, o Brasil perdeu a cantora e compositora Elza Soares, uma artista que teve contribuições profundas e essenciais para a MPB e na luta contra o racismo estrutural e outros preconceitos da sociedade brasileira. Em um dos seus derradeiros e mais premiados discos intitulado “a mulher do fim do mundo”, a música que dá título ao álbum é uma verdadeira ode ao carnaval e à arte. A primeira estrofe da música é iniciada com os versos:

“Meu choro não é nada além de carnaval.

É lágrima de samba na ponta dos pés

A multidão avança como vendaval

Me joga na avenida que não sei qual é”

A composição de autoria de Alice Coutinho e Rômulo Fróes ganha na performatividade de Elza Soares uma emoção única e de pura maestria. Com sua voz vibrante e intensa os versos ganham dimensão existencial posicionando a experiência do carnaval como uma forma de vivência. Assim como ocorre na vida, as metáforas do carnaval servem como negociação com o acaso.

O carnaval propõe uma desorientação sadia da realidade em prol de uma ficção, que não é verdade, mas também está distante do que consideramos como mentira. Um universo paralelo que assumisse o mundo com a entrega das chaves ao Rei Momo e que perdurasse o curto espaço de tempo até a Quarta-Feira de Cinzas. Um respiro se compararmos genericamente com a vida de um brasileiro que possui uma média de pouco mais de setenta anos segundo dados do IBGE.

O tempo do carnaval assume outra configuração subsidiando uma leitura via acontecimentos das nossas sensibilidades. A intensidade substitui a relação de causa de efeito. Cronos é colocado em hierarquia inferior a Aion. A máscara não disfarça, mas revela as subjetividades. Os adereços criam nuances de personificação única.

Em um momento em que parece que o mundo global e hiper conectado foi acelerado com o advento das tecnologias que se expandiram durante a pandemia, ou que os debates sobre o aquecimento global apontam para um futuro a ser evitado, o carnaval como produtor de expressões e gestos, ou como inventor de novos tempos é imprescindível na criação de ideias, ou mesmo no adiamento do fim do mundo, como bem utilizada na expressão do ativista e professor indígena Ailton Krenak.

Nesse contexto encontramos o papel dessa exposição organizada por Isabela Simões e Augusto Herkenhoff, pois o carnaval sempre lidou com uma característica nata da espontaneidade e com a irreverência. Foi desconstrutor para novamente indicar um novo caminho. Essa coletânea de obras, ainda que em seu aspecto digital, é uma maneira de posicionamento da alegria como prova dos nove e por fim, uma tentativa de lutar com a arte como expresso na parte

final da canção já mencionada anteriormente de Elza Soares “Eu quero é cantar, eu vou cantar até o fim”.

Bibliografia

MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5a ed. -. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara c1990.

PAZ, Octavio. O labirinto da solidão e post-scriptum. 2. ed. -. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 1984.

SANTIAGO, Silviano. As raízes e o labirinto da América Latina. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Adriana Montenegro



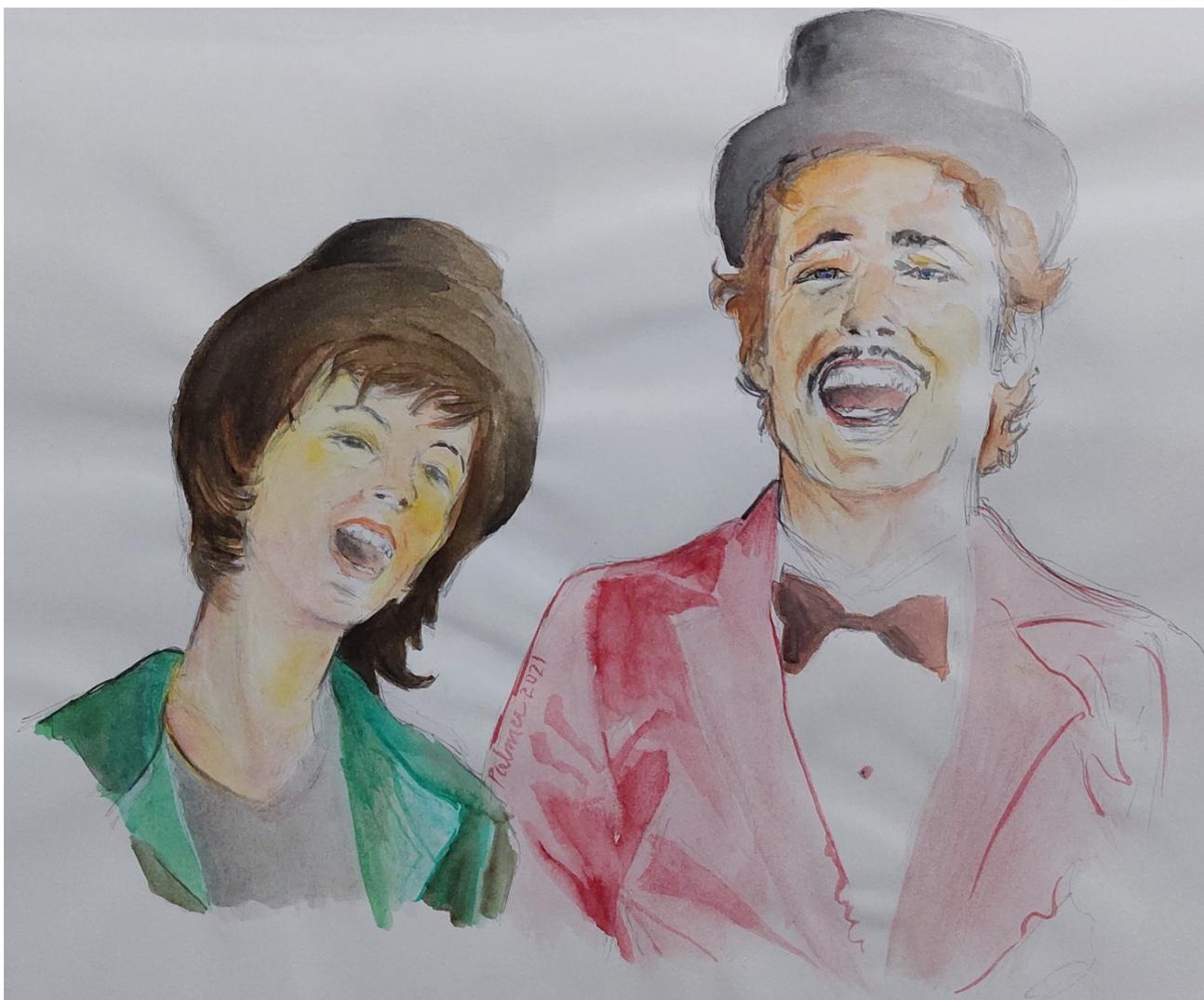
Sem título; técnica mista s/ papel de algodão; 21 x 29,7 cm; 2019

Adrienne Schreiner



Nara, O Sorriso e A Flor; arte digital; tiragem única; 29,7 x 42 cm; 2022

Alexandre Palma



Sem título, série Tou me guardando pra quando o Carnaval chegar; aquarela s/
papel Canson; 21,6 x 27,9 cm; 2020

Ana Luiza Mello



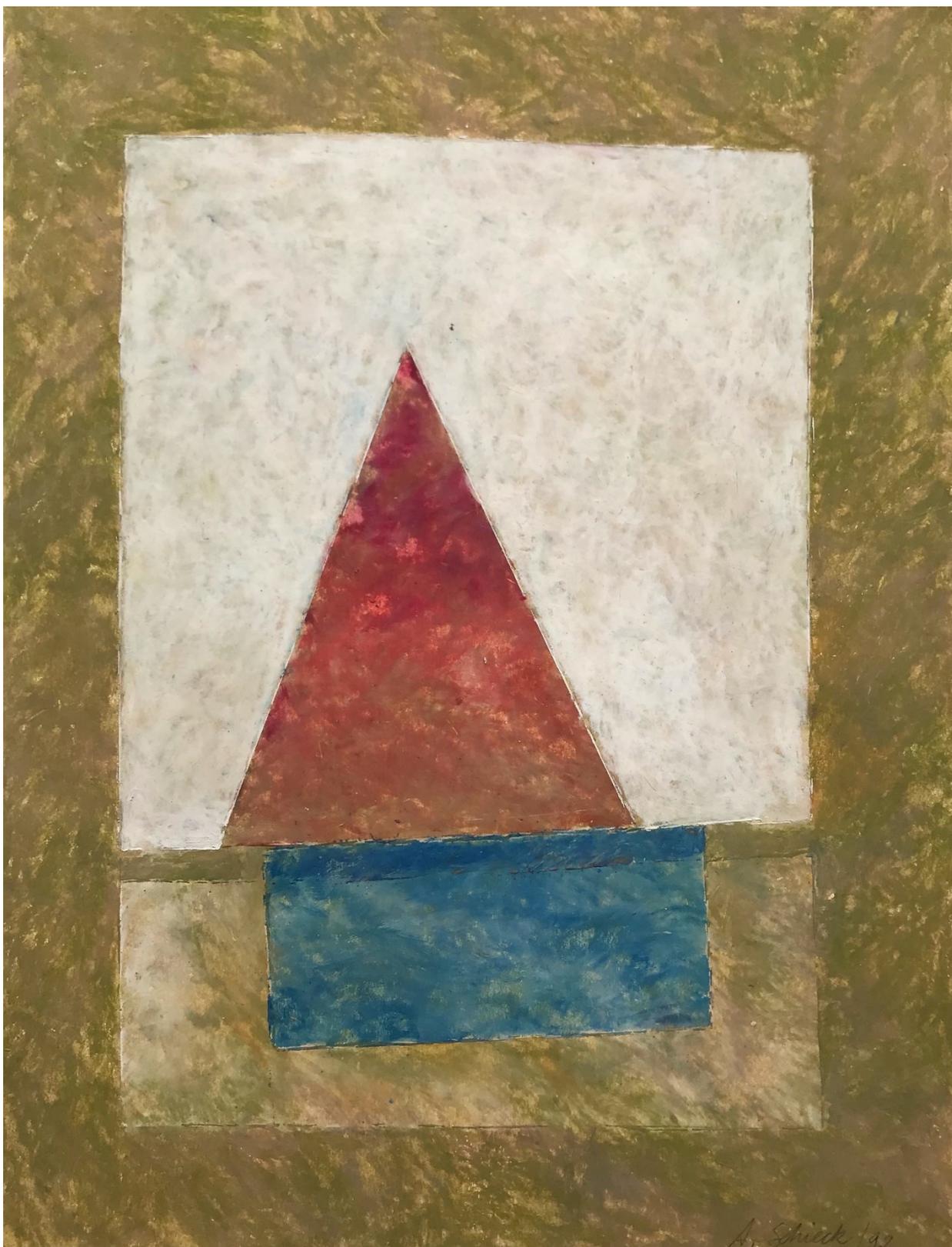
Baile de Máscaras; técnica mista, impressão fine art; tiragem 5; 27,8 cm x 37 cm; 2022

Ana Pose



As cores do mundo mudar; fotocollagem digital, Impressão Fine Art; tiragem 9;
30 x 40 cm; 2022

Ana Schieck



...e o barquinho vai...; pastel oleoso s/ papel; 30 x 22,5 cm; 1992

Angela Moraes



Máscaras; aquarela s/ papel 300g; 29,7 x 42 cm; 2022

Máscaras de Pierrô, Colombina e Arlequim inspiradas no poema:

As Máscaras - Menotti del Picchia - 1920

O teu beijo é tão doce, Arlequim...
O teu sonho é tão manso, Pierrô...

Pudesse eu repartir-me
encontrar minha calma
dando a Arlequim meu corpo...
e a Pierrô, minha alma!

Quando tenho Arlequim,
quero Pierrô tristonho,
pois um dá-me prazer,
o outro dá-me o sonho!

Augusto Herkenhoff



Carnaval; acrílica s/ tela; 110 x 130 cm; 2021

Benjamin Rothstein



512 - O Copo de Papel; tinta/fita crepe e lápis; 21 x 29 cm; 2011

Homenagem a Nara Leão confete e serpentina.
Vamos beber até não poder mais, colombina.
É o Brasil.

Botôto



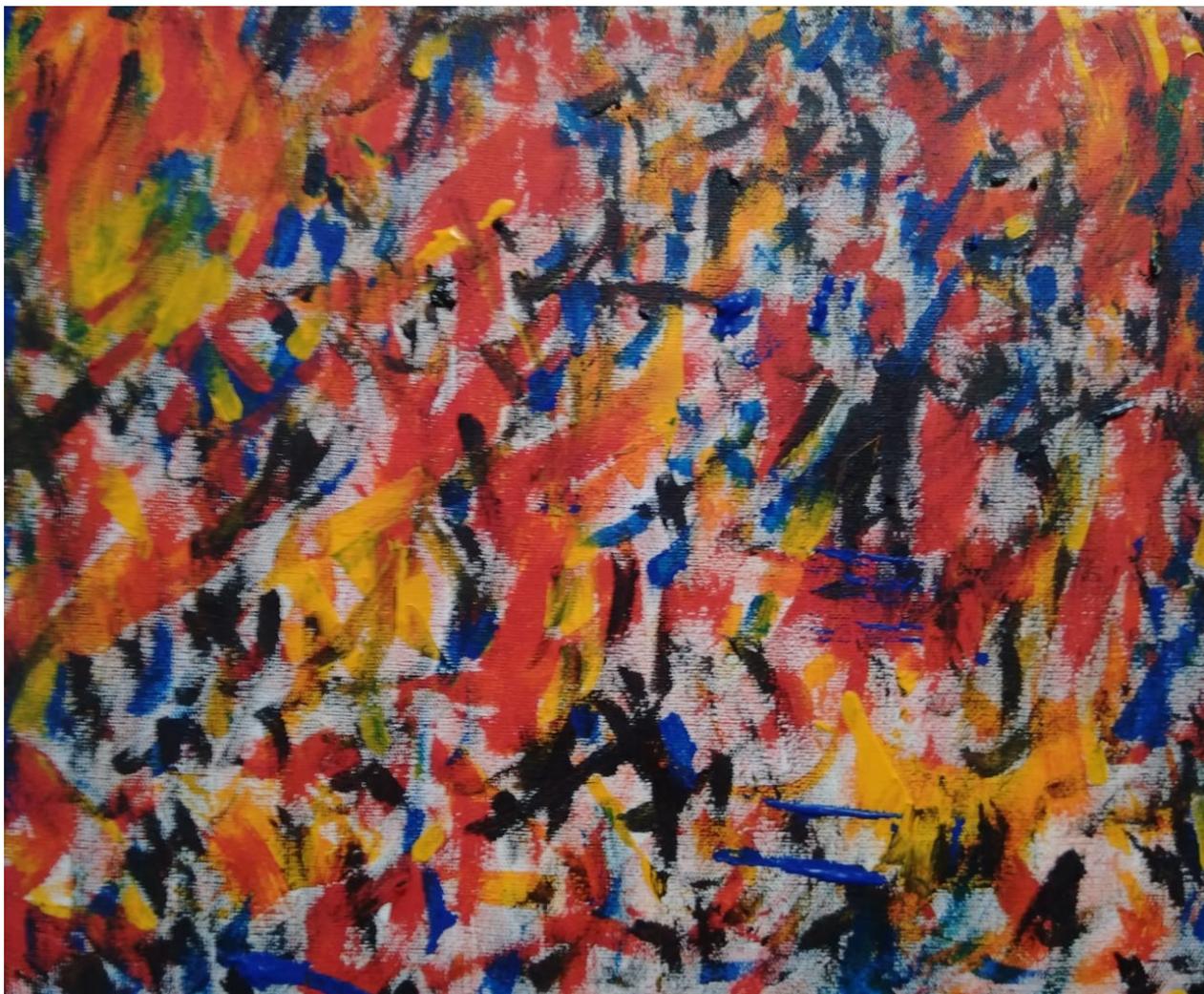
Alegria geral; reciclagem com pintura s/ jeans; 90 x 60 cm; 2022

Bruno Araújo



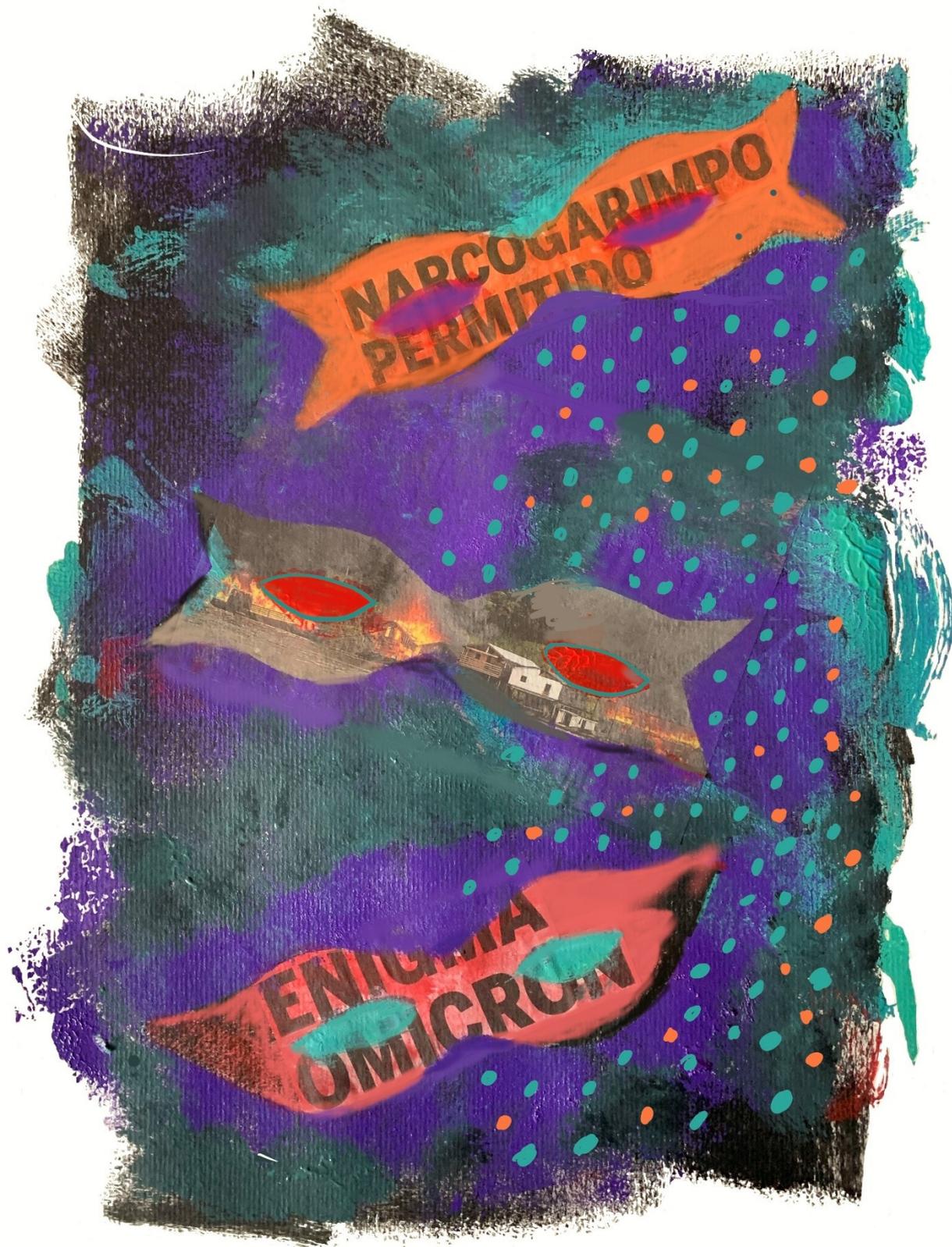
Aglomerar; fotografia impressão fine art; 90 x 60 cm; tiragem 25; 2017

Carmen Bello



Floresta Nara Leão; acrílica s/ tela; 22 x 27 cm; 2022

Carmen Givoni



Quarta-Feira de Cinzas; técnica mista, acrílica e colagem; 42 x 29 cm; 2022

Celina Noli



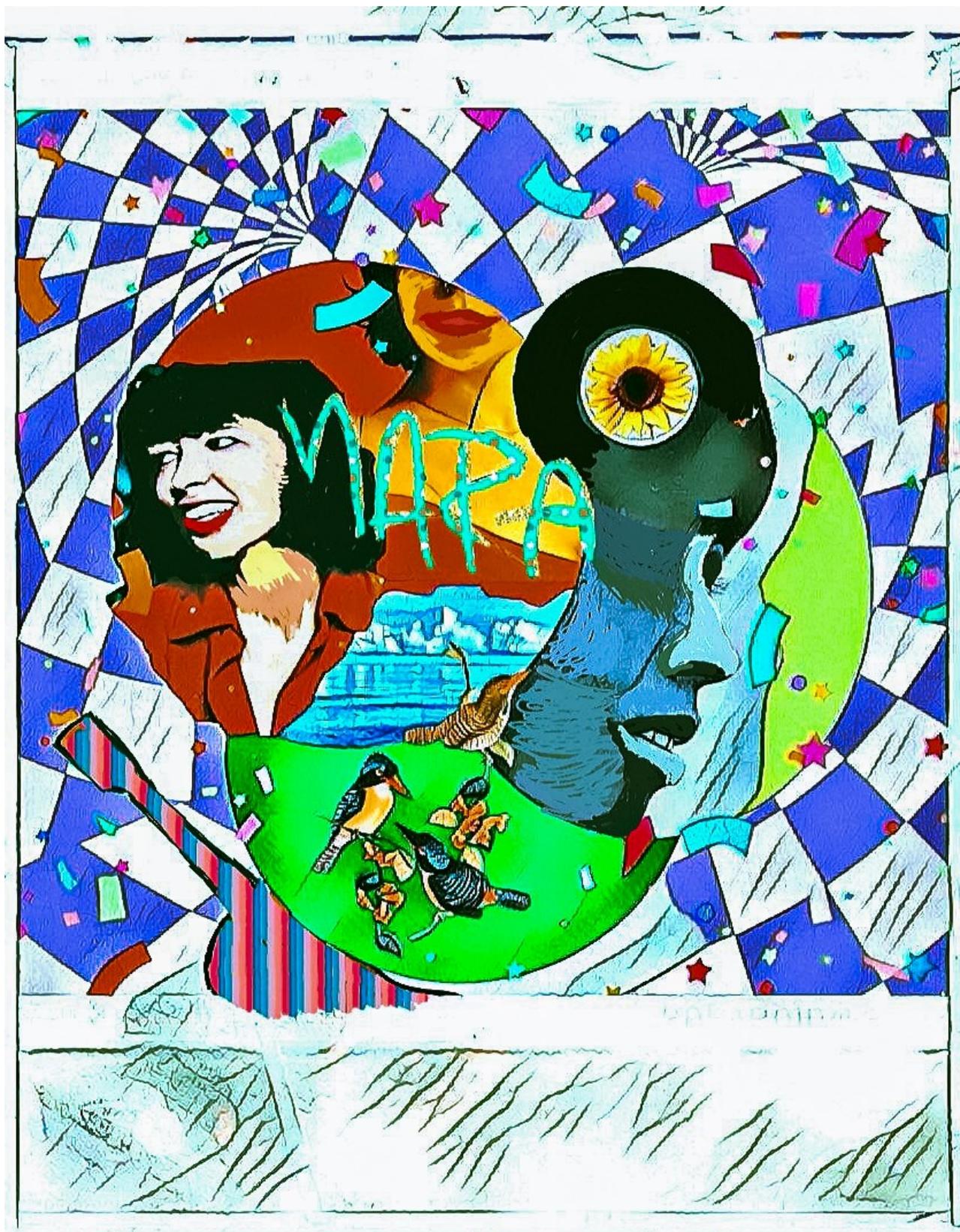
Espectro; desenho digital, impressão fine art em papel texturizado Canson Arches Aquarelle 310g; tiragem única; 60 x 60 cm; 2022

Celso Adolfo



" E o Barquinho vai... "; objeto/vitral (vidro, metal); 6 x 4 cm; 2022

Cerise E



Fantasia; colagem e arte digital, impressão fine art; tiragem 2; 90 x 115 cm; 2022

Cesar Paes Barreto



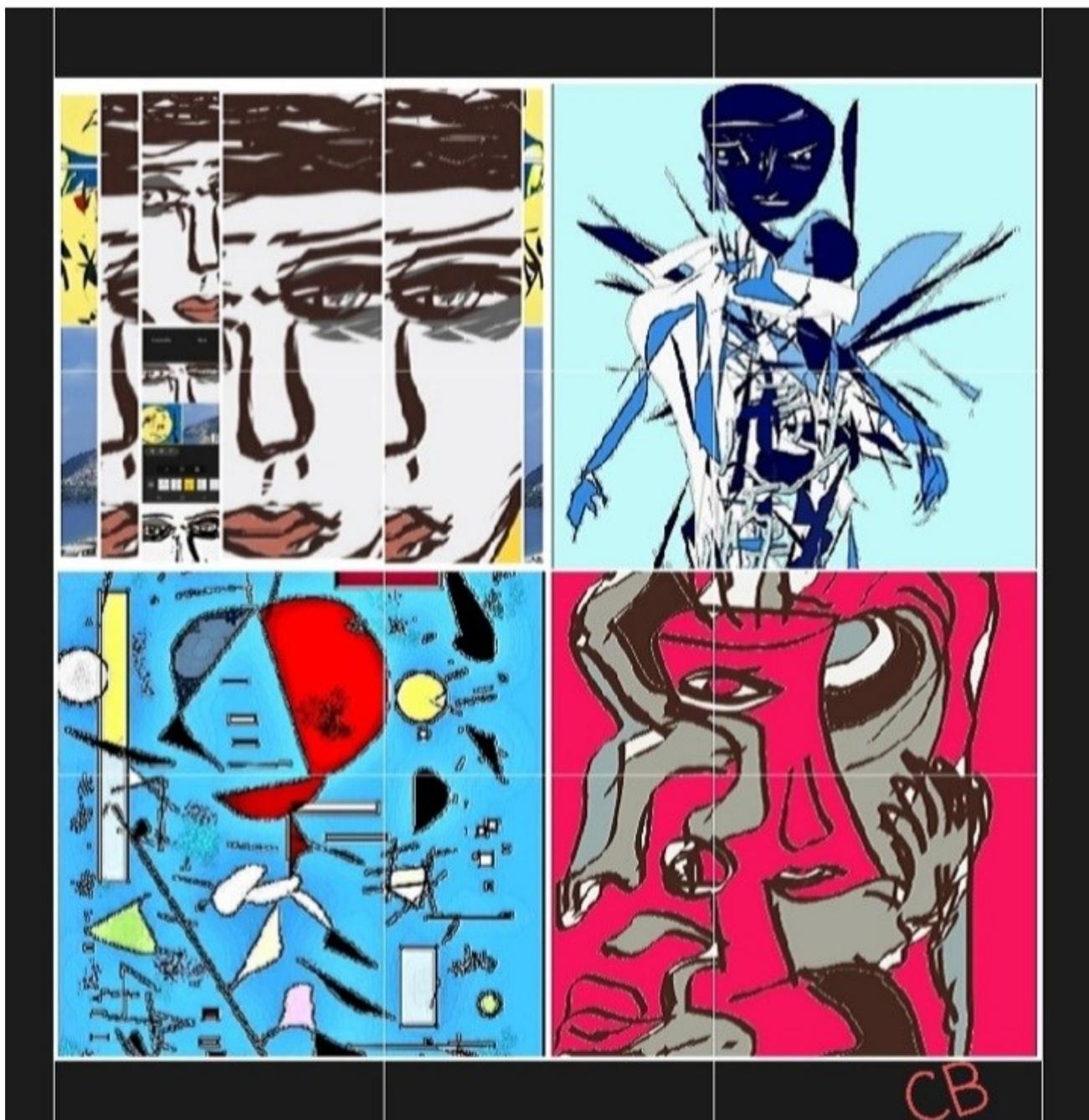
Inseparável; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 180g, com tintas de pigmento mineral; tiragem única; 55 x 76 cm; 2020

Conceição Durães



Noite dos mascarados; acrílica s/ lona; tríptico 30 x 23 cm cada; 2022

Cunca Bocayuva



Afeto, paixão e fantasia em cores; composição de desenhos em colagem digital impresso em papel de qualidade fotográfica; tiragem 3; 29 x 42 cm; 2022

Débora Carneiro da Cunha



Sem título; objeto cinético; derivado plástico e pedra de filtro; 14/16 cm (compr) e 07/33/18/23 cm (larg); 2021

Dora Portugal.



Carcará; acrílica s/ papel Canson 300 g.; 30 x 42 cm; 2022

Eduarda Serra Barreto



Carnaval na Lagoa de Lumiar; fotocomposição, impressão fine art; tiragem 3;
30 x 60 cm; 2022

Eduardo Mariz



Fevereiro sem carná; fotografia, impressão fine art; tiragem: 1/5; 45 x 60 cm; 2021

Eis que na persistência do contexto pandêmico, o carnaval carioca vai se tornando uma lembrança. A voz do morro que Nara propagou e que construiu a identidade do povo que aqui vive, sofre achaques também dos que se instalam no poder e tentam desqualificar nossas conquistas. Mas os ciclos as trarão de volta e mais definitivas que nunca.

Evandro Oliveira



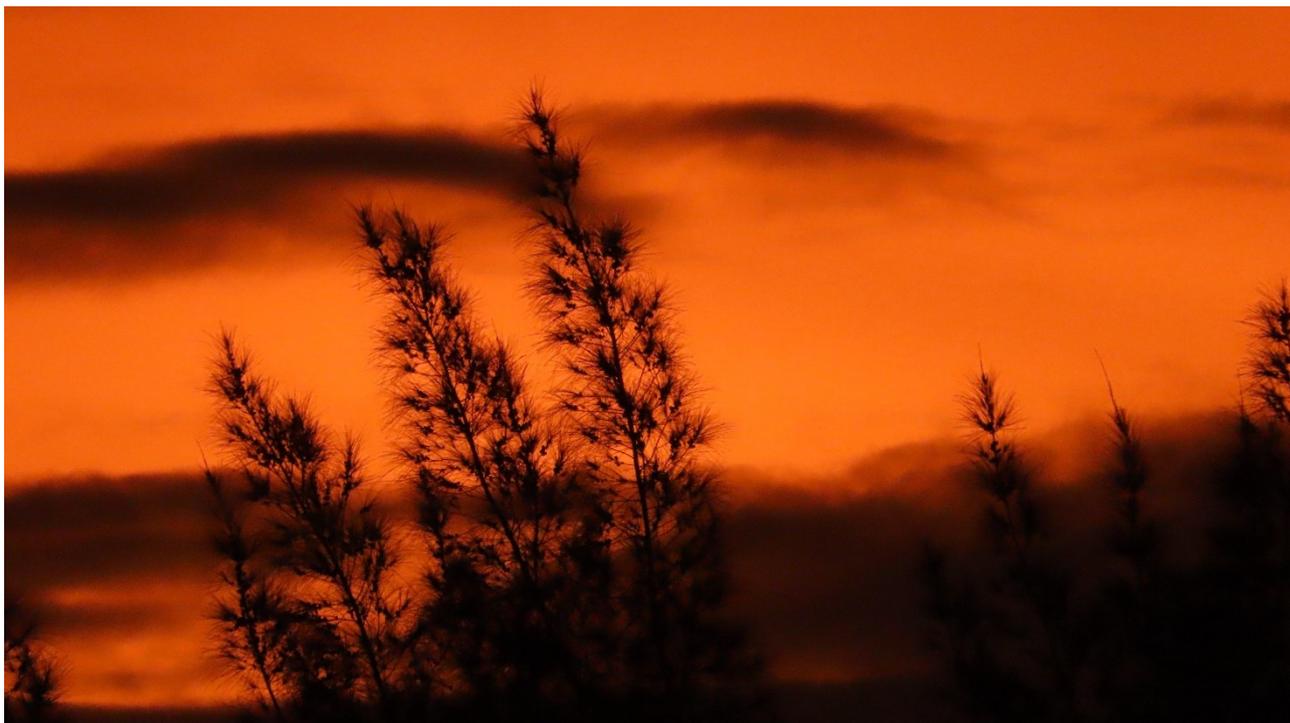
Somos nós os alienígenas?; acrílica s/tela; 119 x 162 cm; 2020

Fernando Brum



Cosmic Train; óleo s/ tela; 53 x 43 cm; 2021

Gilda Lima



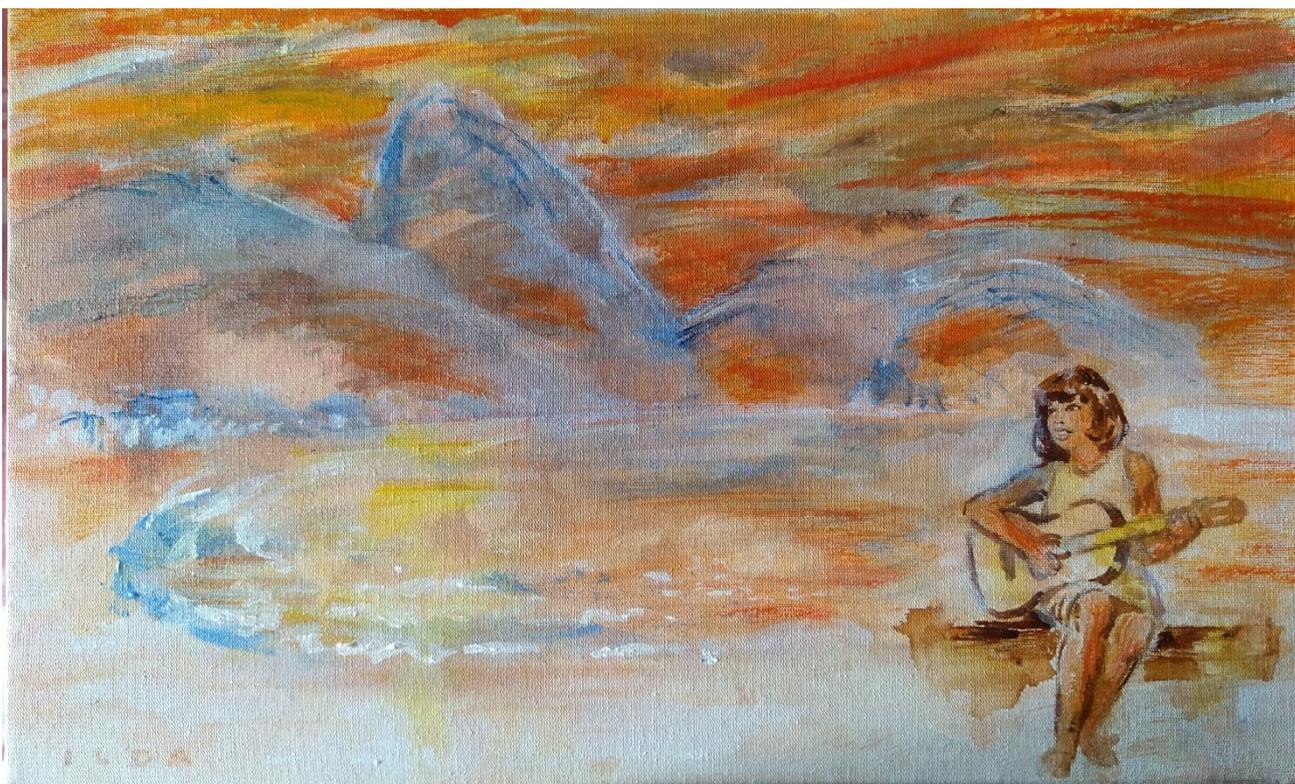
Tonga da Mironga; fotografia digital impressão em papel de algodão; edição única; 40 x 60 cm; 2022

Heloisa Alvim



Sem título; cerâmica; 30 x 30 x 2 cm; 2000

Ilda Fuchshuber Falacio



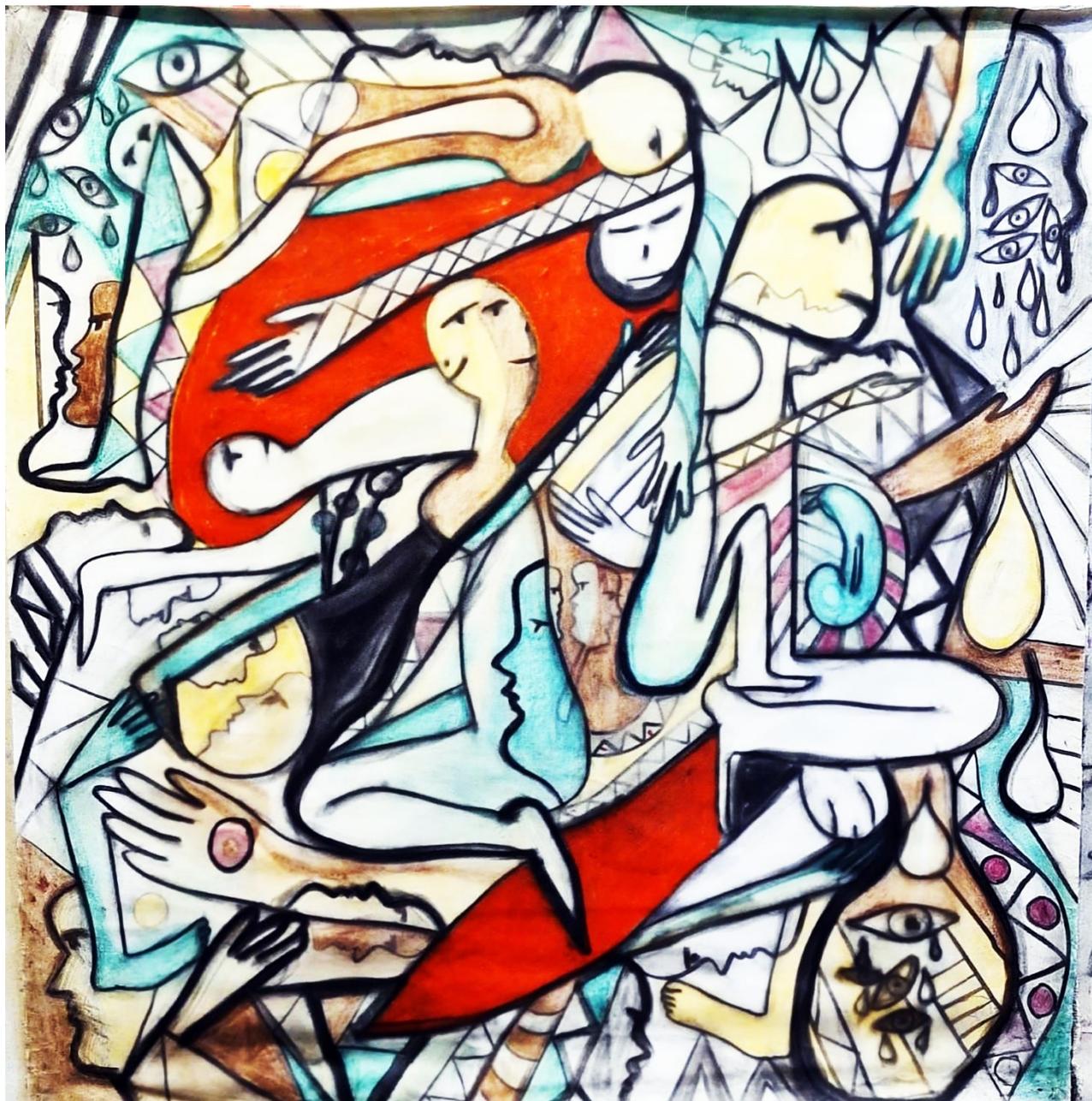
Com açúcar e com afeto, Nara Leão; aquarelado de acrílica s/ tela; 24 x 38,5 cm; 2022

Iraceia de Oliveira



Carnaval; acrílica s/ tela; 60 x 80 cm; 2006

Isabella Marinho



S/ título (Carnaval); técnica mista; 150 x 150 cm; 2018

Isis Braga



Desfile na Sapucaí; fotografia com intervenção digital; 21 x 29 cm (pode ser impresso em outras dimensões); tiragem 5; 2014/2022

Jarbas Paullous



Sem título; fotografia, impressão fine art; 90 x 60 cm; tiragem 3; 2022

João Galvão Jr.



Sem título; técnica mista de pintura s/ tecido; 300 x 300 cm; 2022

João Saboia



É Carnaval!!! Quem siri por último, siri muito melhor; impresso digital; 30 x 40 cm; tiragem 100; 2018/2022

Jorge Cerqueira



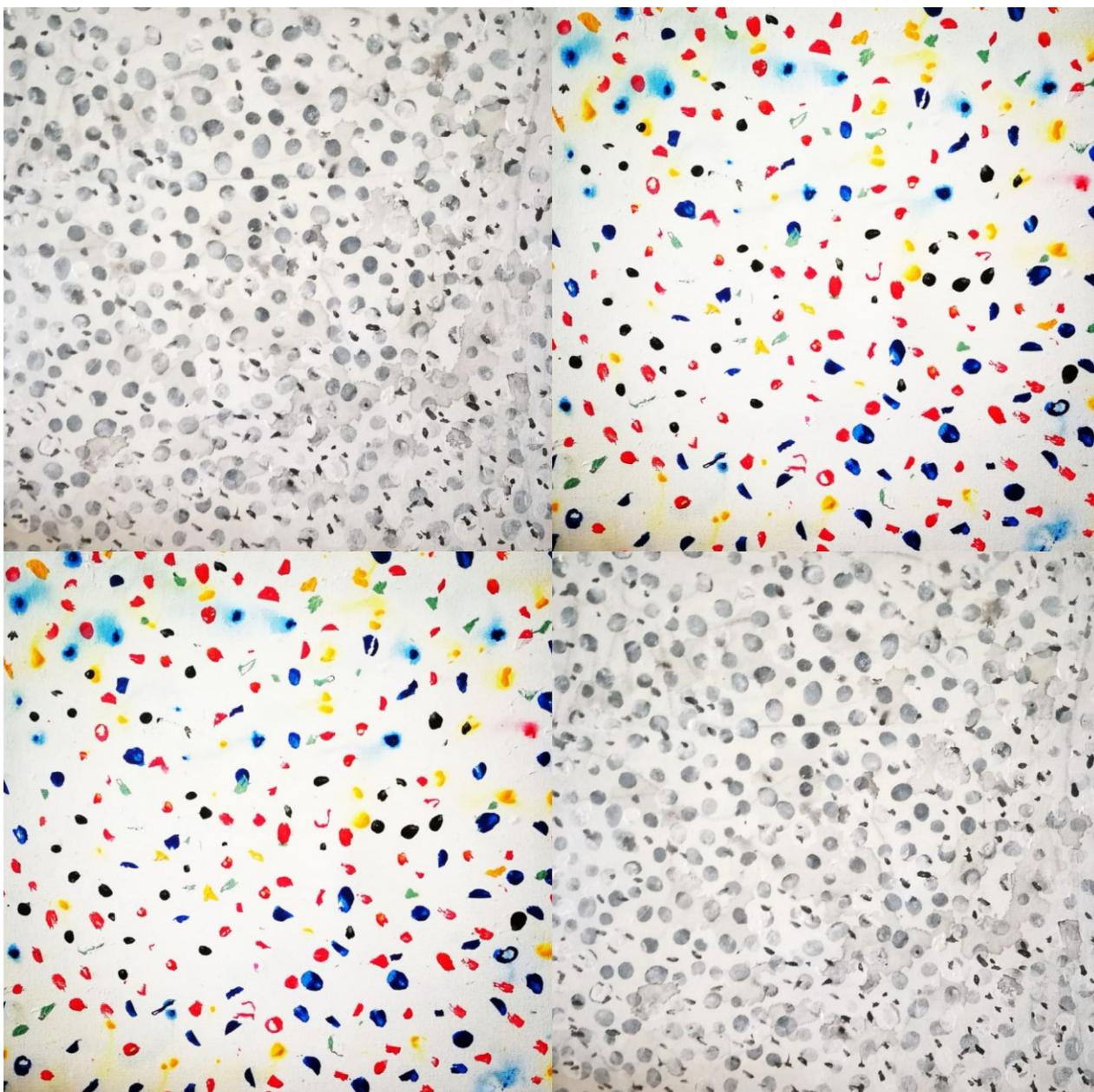
É carnaval; acrílica s/tela; 150 x 100 cm; 2022

Katia Politzer



Ilusão de alegria; vidro fusing, esmalte e ouro; 30 x 25 x 5 cm; 2021

Lando Faria



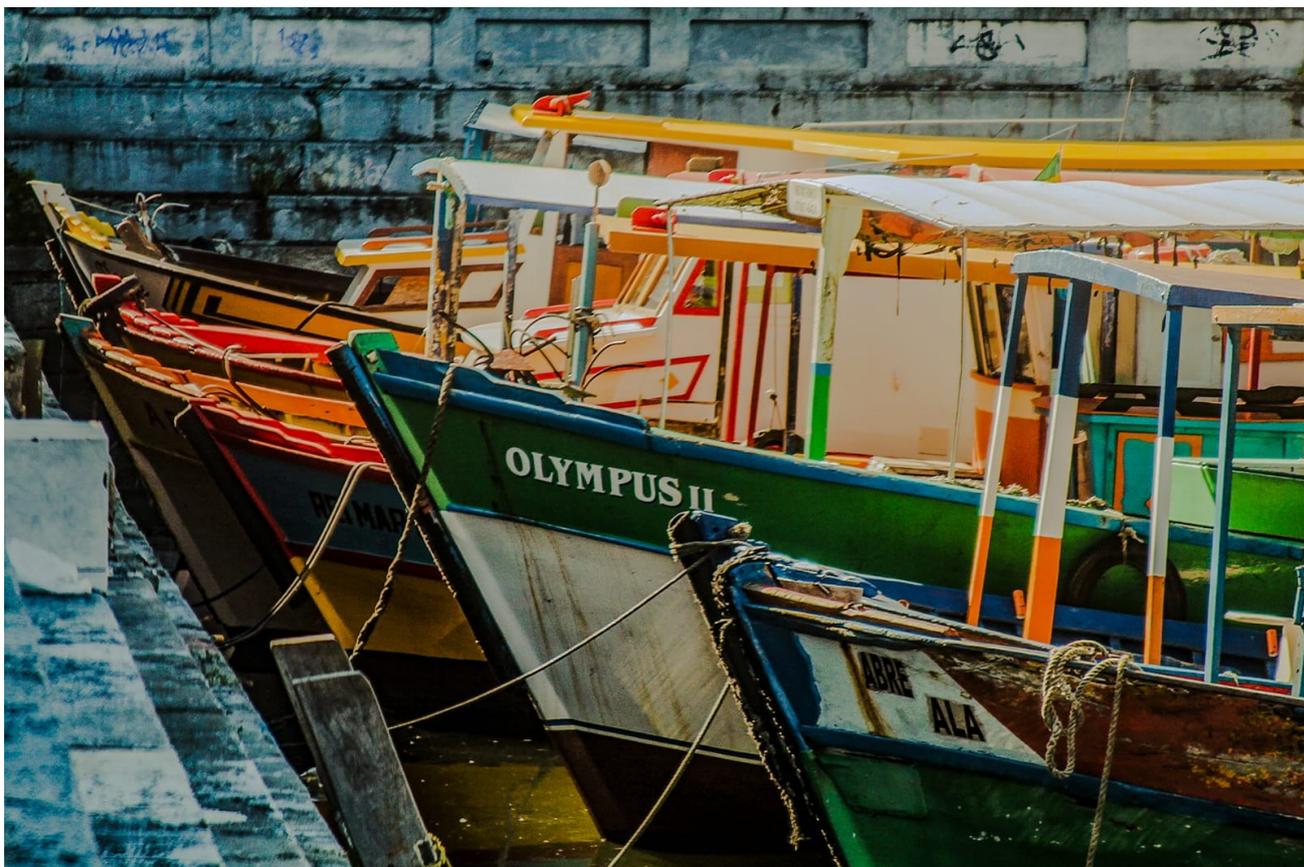
Carnaval 22; fotografia impressão fine art; tiragem 5; 60 x 60 cm; 2022

Leila Bokel



Armário de fantasias; técnica mista; 195 x 95 x 31 cm; 2022

Let Cotrim



Abre ala; fotografia digital, impressão papel Hahnemühle Photorag Baryta 315;
35 x 21 cm; tiragem 10; 2022

Leticia Potengy



Sem título; técnica mista; 29,7 x 42 cm; 2019

Lia do Rio



Avenida Atlântica

Simultaneidade; impressão digital; tiragem única; 30 x 40 cm; 2022

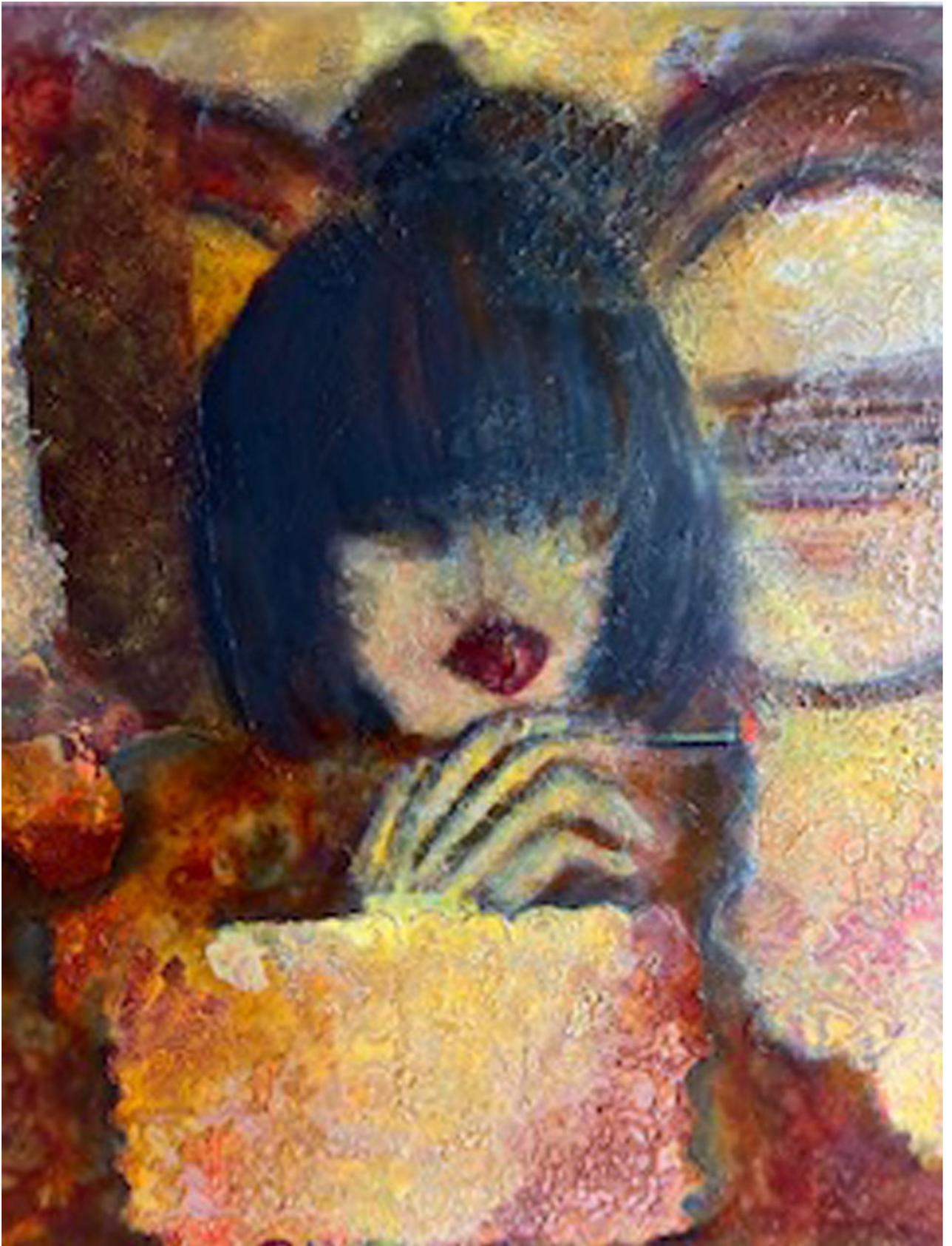
Liana Gonzalez



A tardinha cai; fotografia, impressão fine art; tiragem 10; 30 x 42 cm; 2011

*"Guarde-se!
Haverá carnaval.
À tardinha cai
O amanhã vai chegar."*

Luah Jassi



Bossa nova; técnica mista; 60 x 60 cm; 2022

Lucia Lyra



Homenagem a Nara Leão; acrílica s/ tela; 42 x 30 x 4 cm; 2022

Marcelo Veiga



Carnaval: Folia; samba, estrelas e homenagem a Nara Leão e Carnaval: Com homenagem a Nara Leão (díptico); arte digital, desenho e colagem; tiragem 5; 29 x 42 cm cada; 2022

Marcia Cavalcanti



Sem título; impressão de desenho em nanquim; tiragem única; 22 x 30 cm; 2015

Maria Cecilia Leão



Tempo de saudade (autorretrato) - díptico; fotografia impressão fine art, papel Hahnemühler 310 g/m²; cada 20 x 30 cm; tiragem 1/5; 2022

Mariana Nobre



Mandala saia da baiana; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2022

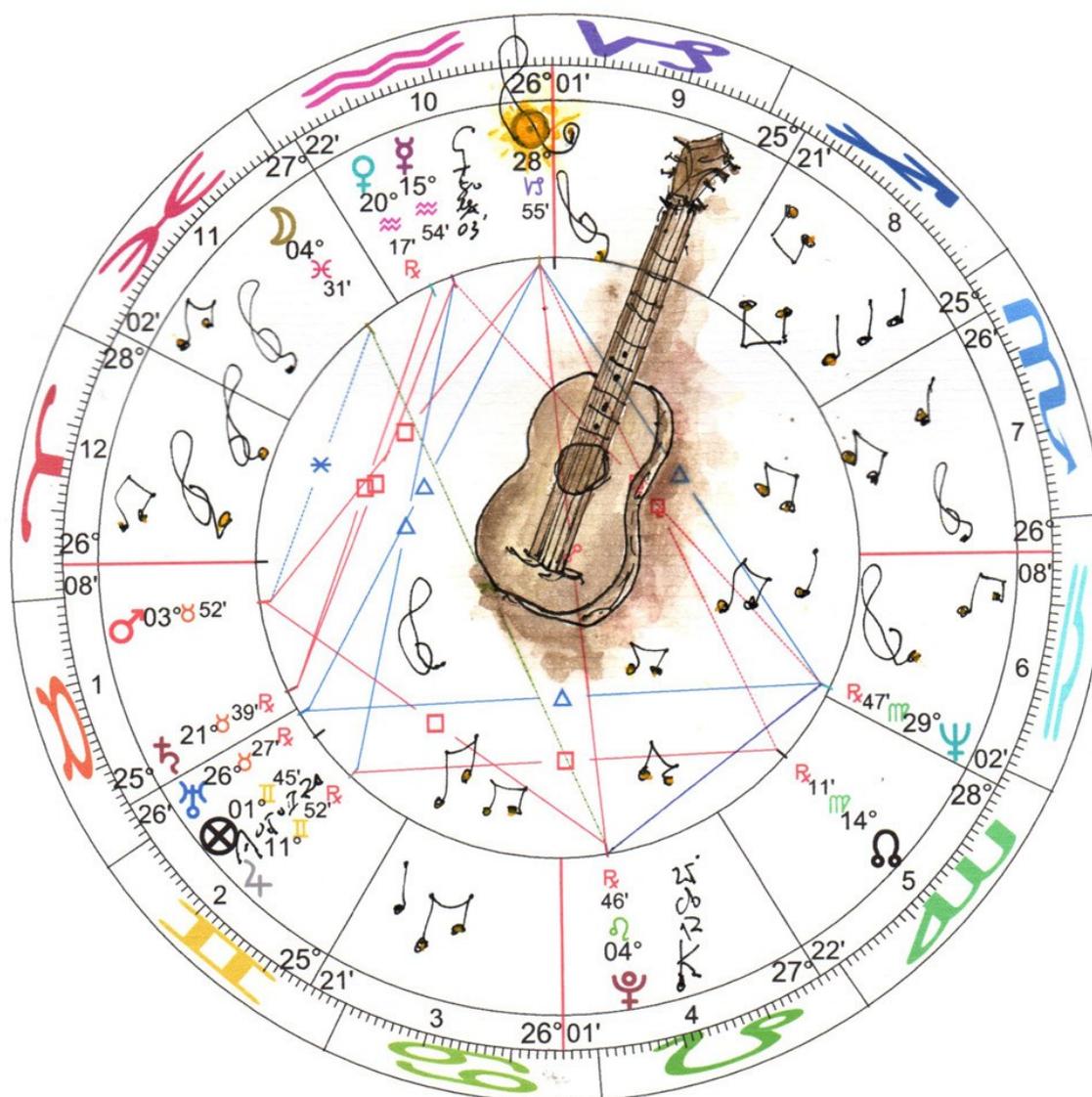
Marta Bonimond



A História de uma Gata; técnica mista; 50 x 80 cm; 2022

A partir da canção homônima de Chico Buarque gravada por Nara Leão no disco Os Saltimbancos

Martha Pires Ferreira



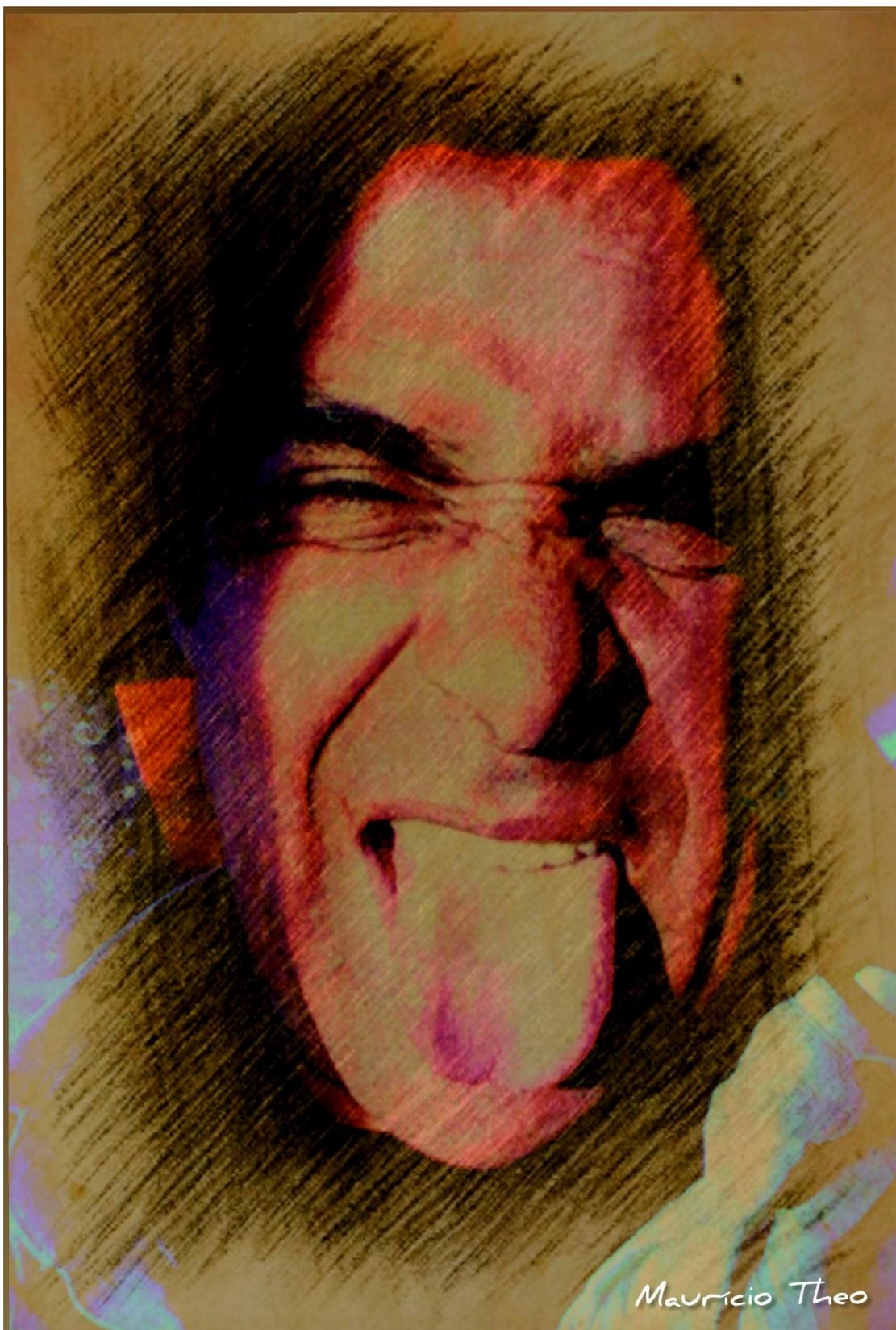
NARA e o violão; desenho - bico de pena e aquarela sobre scanner/Solar Fire - Mapa Natal em papel Vergê 120g. Filipaper; 21 x 29 cm; 2022

Mauricio Tassi Teixeira



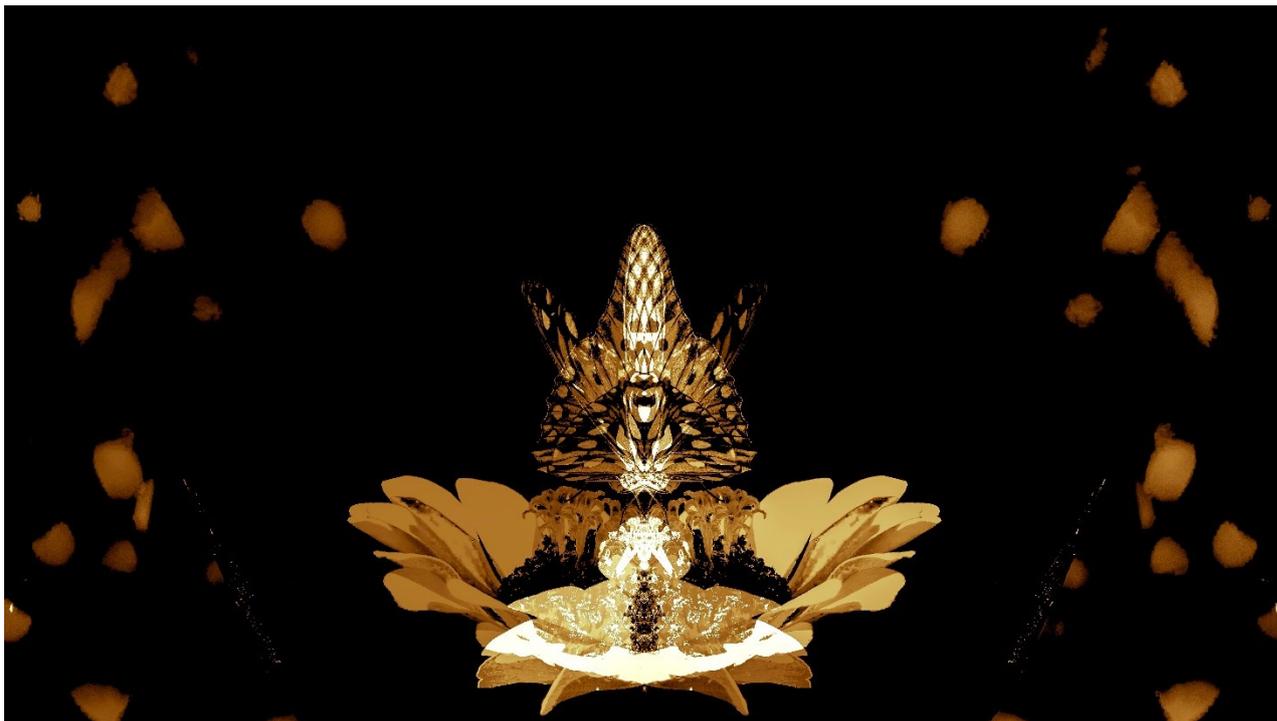
Nara em preto e branco; mão livre em computação gráfica; 118 x 84 cm;
podendo ser impresso em diversos tamanhos; tiragem 20; 2022

Mauricio Theo



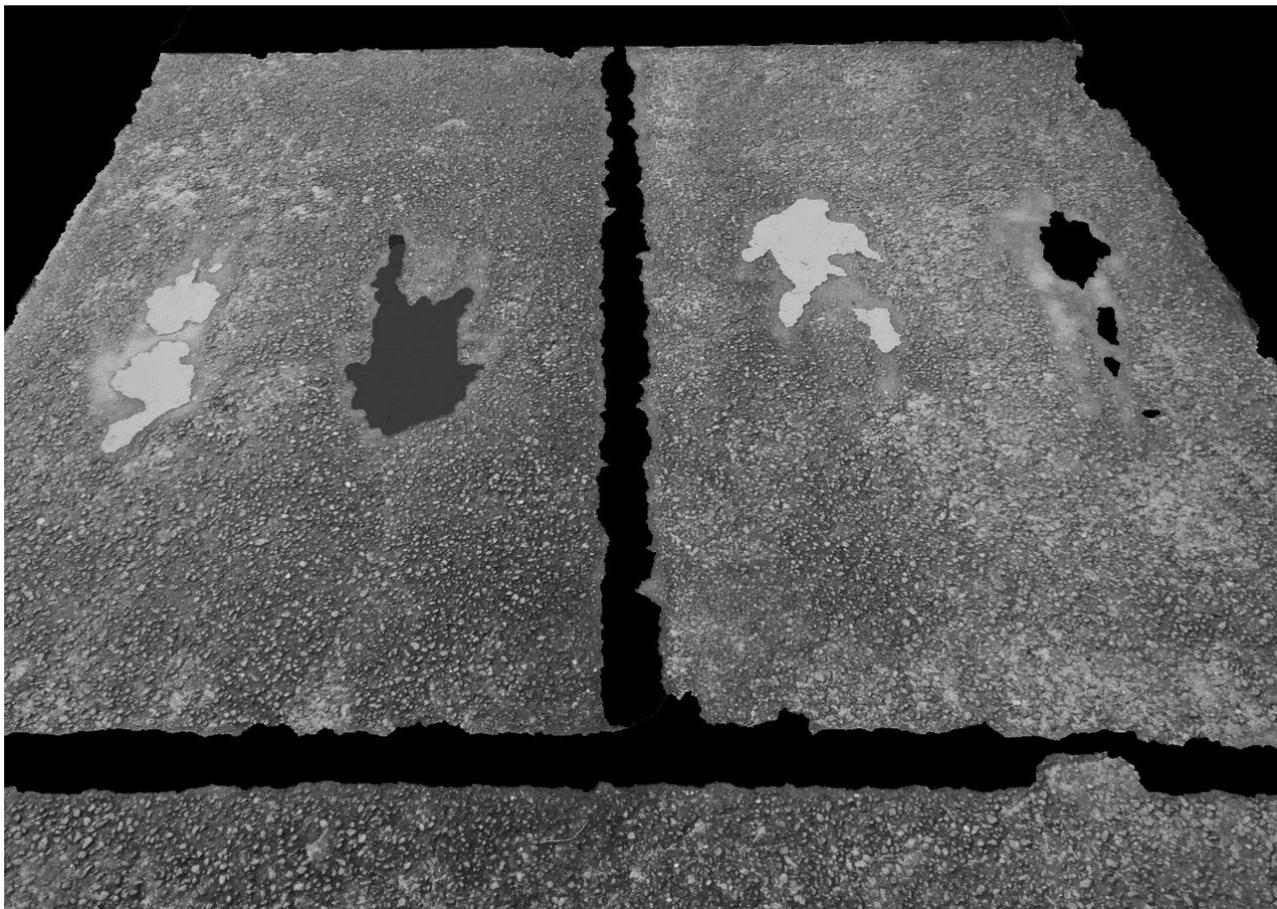
De fora do carnaval (autorretrato em plena ponte aérea Rio/ São Paulo);
fotografia, fine arte sobre papel Canson; tiragem única; 30 x 40 cm; 2017

Miguel Hijjar



Eu sou o samba; fotografia digital, impressão fine arte papel algodão com tinta ecológica inkjet de pigmento mineral em base de água; tiragem 10; 57 x 100 cm; 2018

Miro PS



Rastro no carnaval, série Sinais; gravura digital, impressão fine art; 50 x 70 cm; tiragem 5; 2018

Nilton Pinho



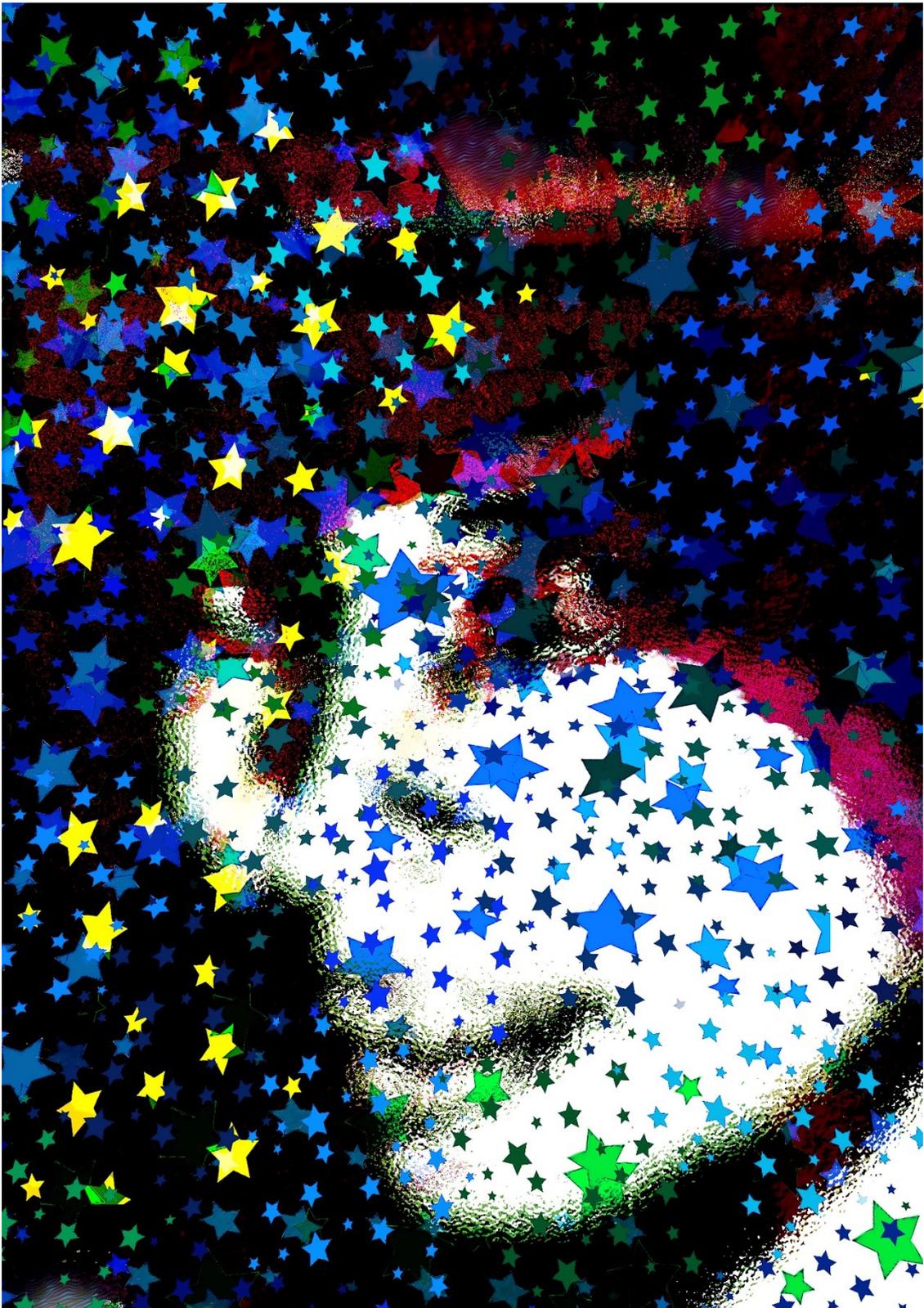
Carnaval no Rio de Janeiro; acrílica s/ tela; 60 x 40 cm; 2021

Nissin Moussatche



Manhã de Carnaval; acrílica s/ tela; 30 x 40 cm; 2022

Noemi Ribeiro



Quando o carnaval chegar; composite digital a partir de still de vídeo com Nara Leão, na TV Cultura, em 1974, impressão em papel cotton 100% Canson; tiragem 5; 30 x 25 cm; 2022

Olvio Neto



Serpentina Carioca; acrílica s/ tela; 90 x 50 cm; 2021

Paulo Mittelman



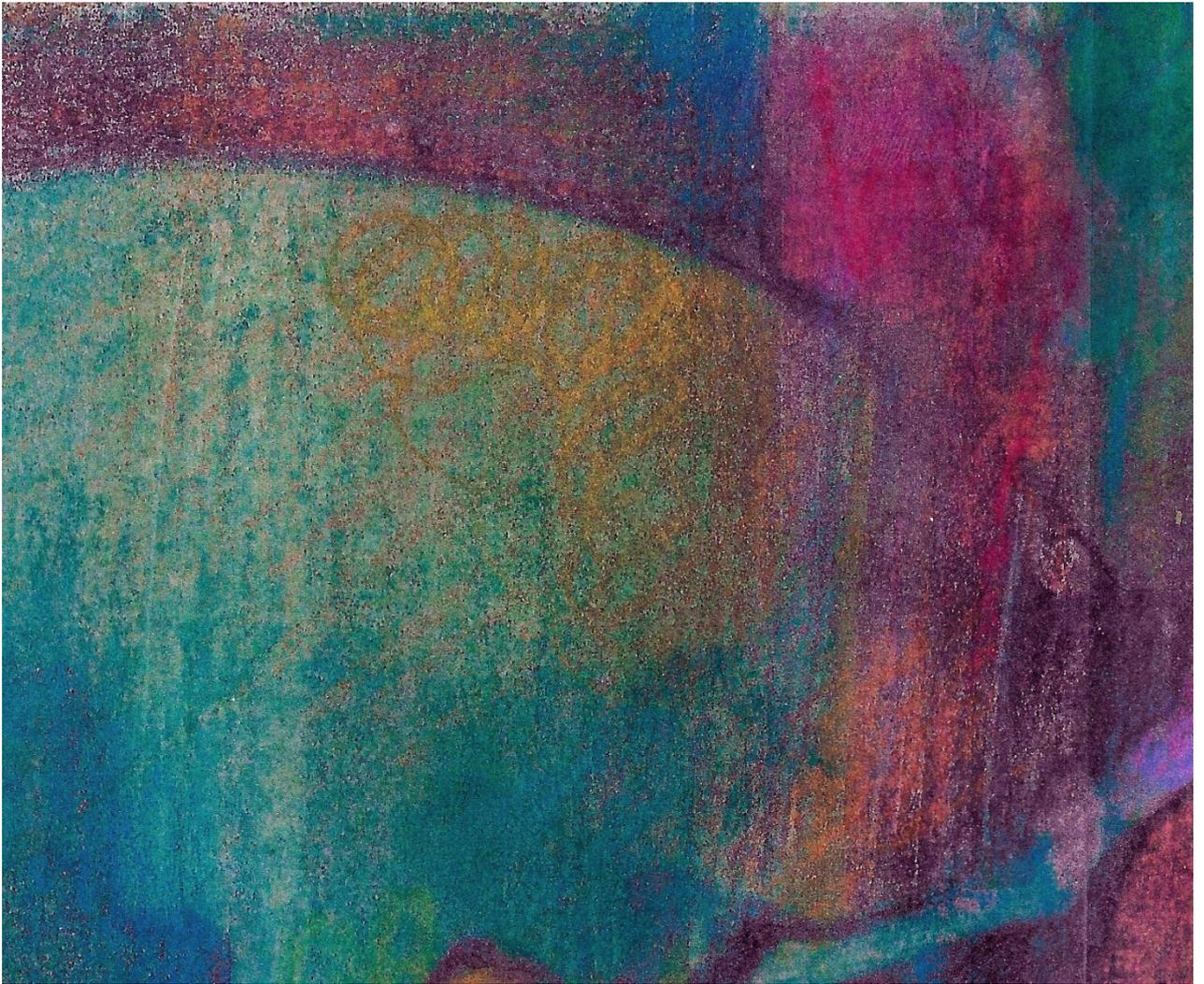
Maracatu – Impressões – 1; fotografia com tratamento digital, impressão em papel Hahnemüle Matt fibre com tintas de pigmento mineral; 60 x 80 cm; tiragem 10; 2007

Pedro Bento



Festa na repartição; desenho; 21 x 29 cm; 2015

Regina Moura



Sei lá Manguiera; técnica mista, impressão fine arts s/ canvas; 50 x 40 cm;
2022

Carnaval... transgressão, liberdade, fantasias
no canto de Nara Leão, Quando o carnaval chegar ou Sei lá Manguiera
"Manguiera que vista assim do alto mais parece um céu no chão...
e a beleza, pra se entender tem que se achar que a vida não é só isso que se
vê
é um pouco mais"...

Ricardo Newton



Amor de carnaval; óleo s/ tela; 80 x 120 cm; 2003

Roberta Salgado



Parangolé Natureza; tinta para tecido s/ brim; 136 x 104 cm; 2022

Roberto Negri



Vitraux (tríptico); aquarela e acrílica em Canson 300g; 42 x 60 cm cada; 2021

Rosângela Soares Pinto



Estou me preparando para o carnaval; fotografia das pétalas da flor da orquídea; tiragem 10; 33,87 x 27,33 cm; 2021

Rose Nobre



Manhã de Carnaval; pastel s/papel Canson; 43 x 33 cm; 1999

Música cantada por Nara Leão (Antônio Maria-Luiz Bonfá)

"Manhã, tão bonita manhã

Na vida, uma nova canção..."

Sandra Schechtman



Nara presente; fotomontagem com imagem de pintura (2012), impressão em papel fotográfico; tiragem 10; 60 x 60 cm; 2022

Sergio Graça



Quem me viu? Quem me vê?; fotografia, impressão fine art em papel Canson Rag Photographique 310g 100% algodão; 30 x 45 cm; tiragem 5; 2019

Silvana Godoi Camara



Meditação; óleo s/tela; 90 x 70 cm; 2005

Sonia Camacho



Quando o carnaval chegar; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2022

Sonia Xavier



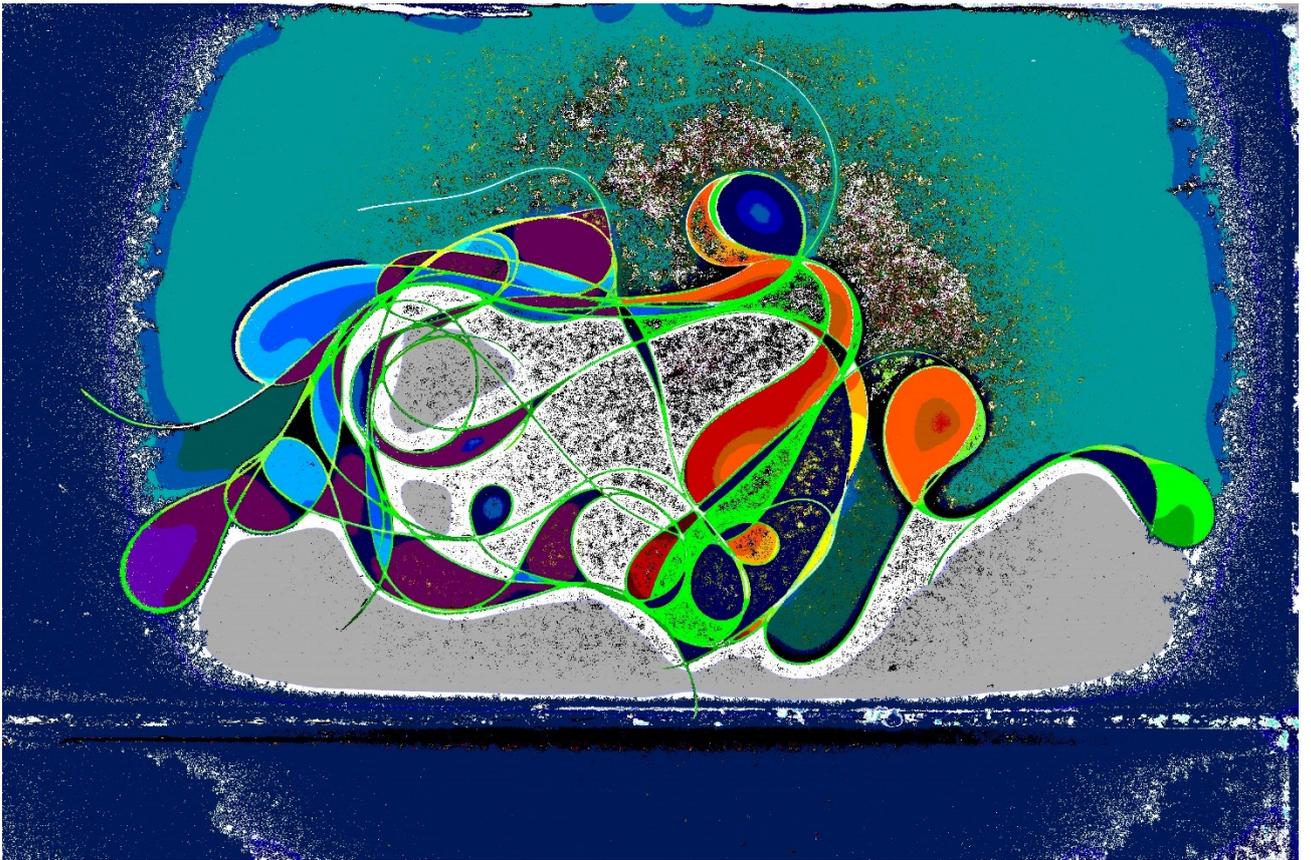
Sem título; técnica mista s/ madeira; 60 x 40 cm; 2022

Talita Tunala



Devenir; óleo s/ impressão de colagem; 21 x 30 cm; 2021

Teresinha Mazzei



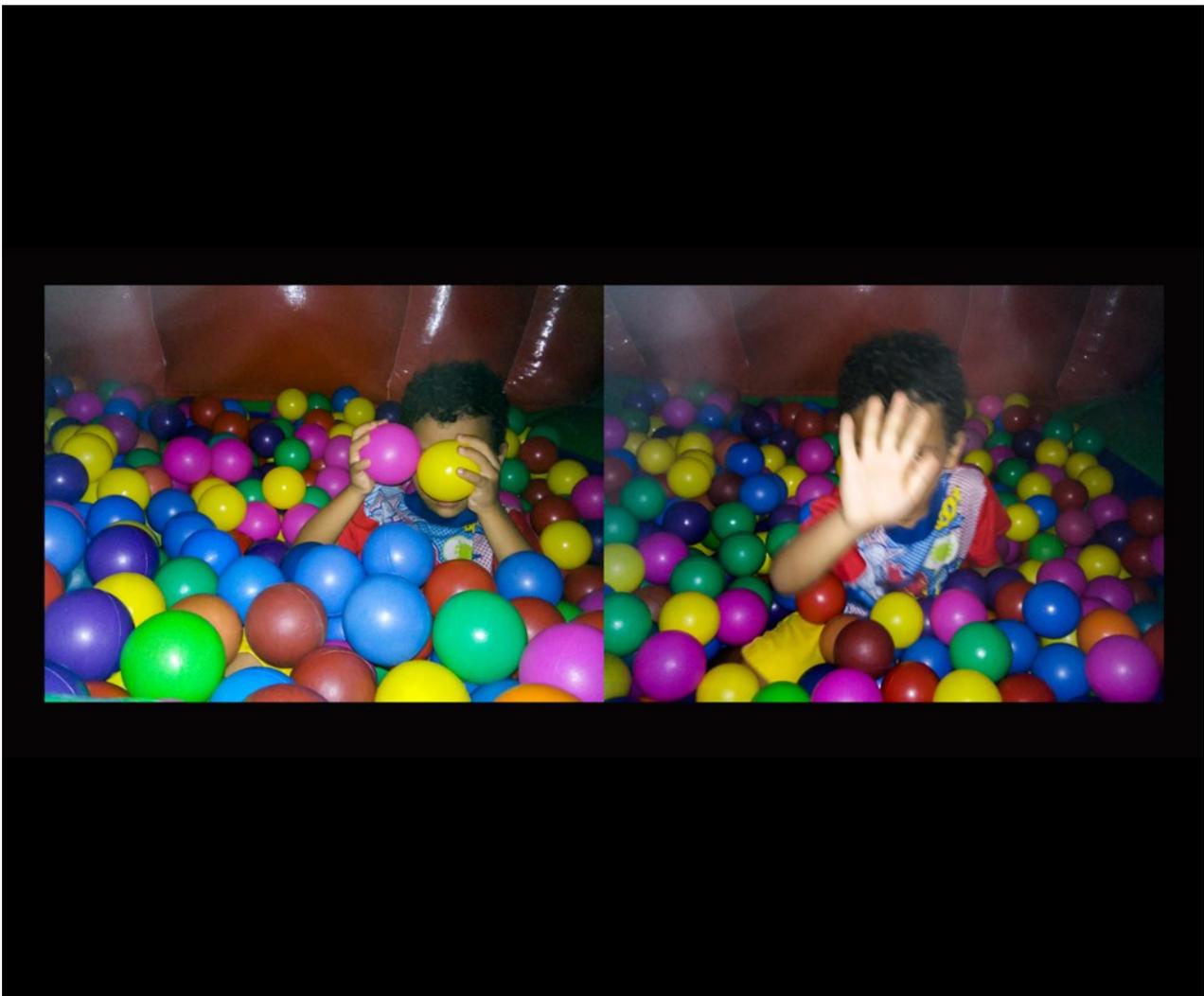
Comissão de Frente I, série Diálogo das Linhas; arte digital sobre foto de fios, impressão fine art s/ canvas de algodão; 66 x 100 cm; tiragem 10; 2022

Vania Pena C



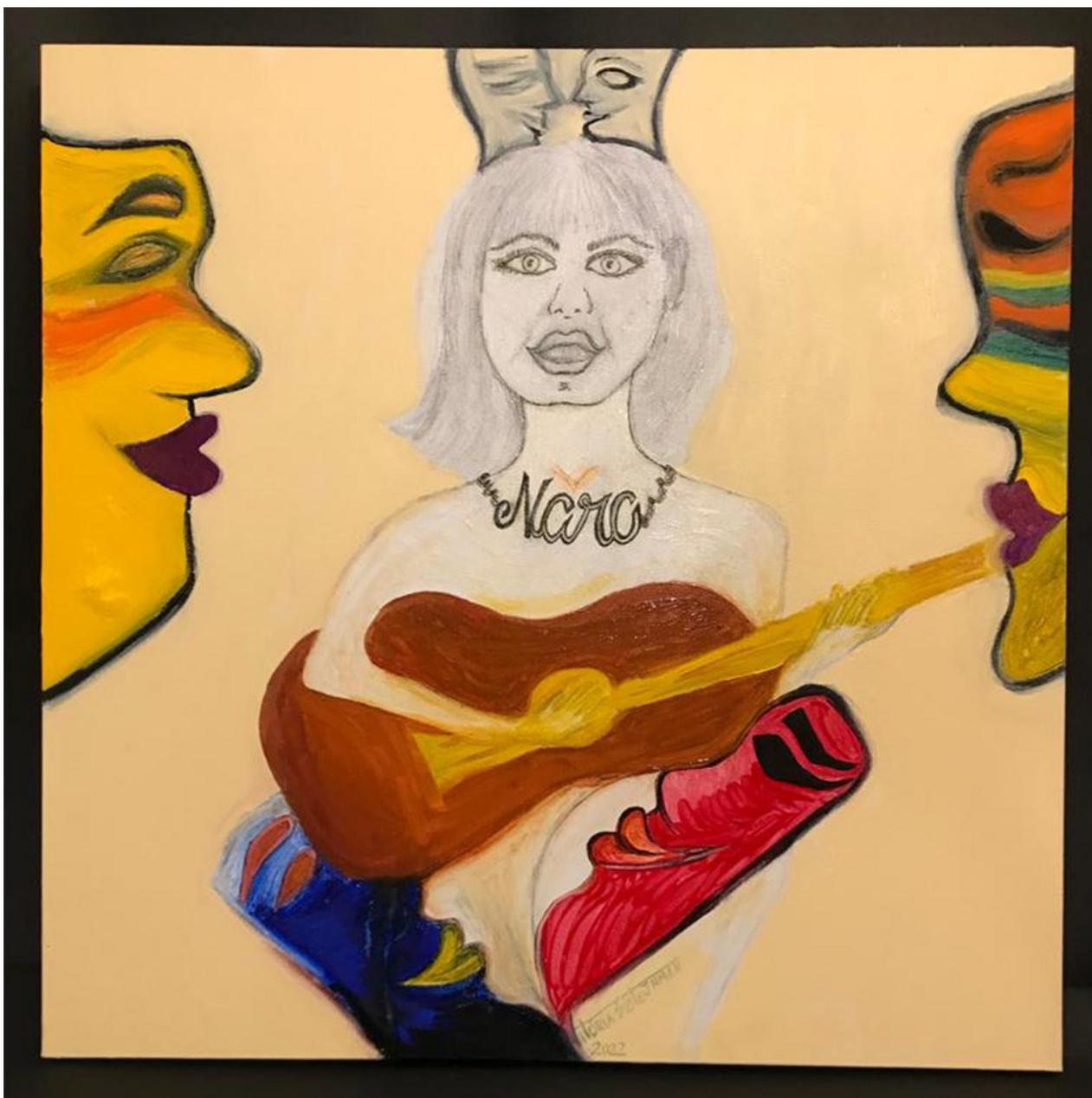
Praça Onze; impressão com adesivo em azulejo; 10 x 10 cm; 2014

Vicente Duque Estrada



Festa; fotografia impressão fine art; 50 x 60; 2019/2020

Vitoria Stejnman



Oi Tenta; Máscara Carnavalesca (Homenagem a Nara Leão); acrílica s/ tela e nanquim; 60 x 60 cm; 2022

Zé Igino



Sem título; gravura em metal; 20 x 25 cm; PA; 1983

Zeka Araújo



Bandas centenárias; fotografia impressão fine art; 90 x 60 cm; tiragem 25; 1995